

DESVENDANDO OS MISTÉRIOS DO EGITO ATRAVÉS DA PESSOA DE CRISTO



Welington Corporation

Nós temos uma pequena noção do arcabouço egípcio das Escrituras. Não que as Escrituras se baseiem na cosmogonia ou se inspirem na teologia e mística do antigo Egito. Antes, porque Deus amou o Egito. E amou de tal maneira, que deu seu filho único, para resgatá-lo do totemismo, ou qualquer que seja o nome da realidade religiosa que deu origem ao politeísmo egípcio. A doutrina das Escrituras e sua pedagogia espiritual traçam paralelos com o mundo psicológico egípcio que a maioria dos leitores das Escrituras desconhece por completo. Esse estudo possui um caráter profético, apesar de beber abundantemente nas águas do Nilo, mas não se afoga nele. O Egito está presente em diversos momentos da história bíblica, é representado de diversas formas: literalmente, simbolicamente, espiritualmente, profeticamente. Da paixão de um faraó por Sarai, esposa de Abraão até ao instante em que os corpos de dois profetas são deixados a apodrecer a céu aberto numa cidade que espiritualmente é chamada por um anjo de "Egito" em Apocalipse; da saída do povo israelita sob jugo de outro faraó, até o instante em que José tem um sonho e emigra por cerca de 7 anos com Maria e Jesus recém-nascido para Menphis, no casamento de Salomão com uma princesa egípcia, seja na forma egípcia que dá aos seus poemas e provérbios, na forma egípcia que os salmos se apresentam, na exportação internacional de uma teologia, mítica e mágica que impactou a cultura dos povos asiáticos, indianos, orientais e africanos, assim como a sua base científica, linguística, cultural, condensada em "sabedoria egípcia" que impactou profundamente as civilizações que foram contemporâneas do Egito em seu apogeu.

INTRODUÇÃO

Para tentar ver o invisível eu necessito da imaginação das gentes. Dos sonhos dos povos. Minha teologia é baseada na contribuição das tribos, raças e povos, e de suas culturas para completar a visão judaico-grega das Escrituras. E a minha também.

Há uma acusação de **plágio** da religião egípcia dos críticos das Escrituras, quando não de ser ela obra inspirada nos mistérios egípcios, uma versão, uma adaptação de significados que gera uma nova religião, tendo em vista o uso de muitos elementos que estavam presentes na religião egípcia pelos hebreus, nas formas literárias das Escrituras e até em aspectos da história da Salvação, que agregam muitos conceitos espirituais presentes no antigo Egito. E fortalecendo a tese dos estudiosos temos dezenas de RITUAIS católicos que refletem com perfeição as histórias e até liturgias do antigo Egito.

Várias tradições mágicas incorporadas nas liturgias de igrejas seculares são fruto de *besteira*, de heresia, de religiosidade burra. Essa releitura do bizarro, cujas águas desaguardam na foz do sincretismo religioso é de natureza egípcia. O sincretismo religioso, fusão, transformação, mudança de ritos e deuses, incorporando até elementos de outras religiões é quase que patente registrada da religião egípcia. As Escrituras desde Genesis, são a fonte das tradições sobre criação mais antigas, anterior a todas as civilizações, incluindo a egípcia. Se alguém se inspirou em alguém, são os mitos da Criação dos egípcios e sumérios e indianos que bebem da fonte que jorra de Genesis.

A revelação das Escrituras não é de caráter particular, nem temporal. Ela não foi escrita para o judeu ou para o grego e sim para a toda a humanidade de todas as épocas. Ela é riquíssima em tradições espirituais de TODOS OS POVOS, em especial dos egípcios, cuja civilização teve a oportunidade de acompanhar de perto o desenvolvimento das Escrituras, a manifestação dos profetas e o impressionante tabernáculo, em atos religiosos **que poderia fazer-los REPENSAR todo o escopo de suas crenças**. Porque nelas, nas liturgias do sacerdócio levita, na pedagogia dos milagres e profecias dos profetas, seu mundo mágico de adoração a morte ficava desnudado. A nação politeísta foi tocada de modo profundo. Israel carrega uma vocação monoteísta clara, desde sua escravidão no Egito. A revolução de Aqueenáton, o faraó que acabou com 2 mil deuses e instaurou o monoteísmo no Egito, só aconteceu centenas de anos após a saída de Israel do Egito. Não foi o Egito que influenciou a Israel. É o orgulho dos egiptologistas que não compreendem a PROFUNDIDADE do cataclisma que conduziu um faraó a mudar sua própria religião, MILENAR.

O evangelho foi escrito para que todas as religiões cujo misticismo herdou sua essência do esoterismo, da mágica, do ritualismo e da mítica egípcia, enxergassem sua imperfeição, e que todos os mistérios são uma sombra vaga, uma leitura ruim, indefinida, esfumaçada, da maravilhosíssima e abrangente pessoa de Cristo. Porque a pessoa de Cristo TRANSCENDE e ilumina significados, dá sentido ao mistério, que não se cumpre na ficção mágica. É simplesmente DESLUMBRANTE o ministério, os atos, os gestos, o ensino e a profecia de Cristo, ao vermos como REVERBERAM na religião, nas artes, na cultura egípcia.

Egiptólogos da terra, saabei: A PESSOA DE JESUS a única chave capaz de abrir os mistérios da religião do Egito. Pelo fato de desconhecerem, tanto a pessoa de Cristo como a profundidade do Evangelho, os egiptólogos deixam de perceber a realidade espiritual que inspira a TEOLOGIA egípcia. E que está ESCONDIDA dentro de sua linguagem sacerdotal, **a língua sagrada**, leia-se, hieróglifos.

O MISTÉRIO EGIPTOLÓGICO DESPREZADO

***Esse mistério** não foi dado a conhecer aos homens doutras gerações, mas agora foi revelado pelo Espírito aos santos apóstolos e profetas de Deus, Efésios 3:5*

Há hoje milhares de *sítes* divulgando com ar de vitória indisfarçável que a "religião cristã" é cópia da religião egípcia. Uma remasterização, no fundo Jesus Cristo é inexistente, mito, *pospstar* religioso, criação da imaginação humana baseada em Osíris e companhia limitada.

Contudo...*O peixe morre pela boca.* No caso do aprendiz de egiptólogo, *o sapo morre pela boca...*

Na época que de Jesus os hierógrafos já estavam extintos, assim como quase que totalidade da religião egípcia.

Egípcio arcaico (antes de 2600 a.C., a língua do Período Arcaico)

Egípcio antigo (2600 a.C. – 2000 a.C., língua do Império Antigo)

Egípcio médio (2000 a.C. – 1300 a.C., do Império Médio até a XVIII dinastia egípcia: continuou em uso como língua literária até o século IV d.C.)

Egípcio tardio (1300 a.C. – 700 a.C., da XVIII dinastia egípcia até o Terceiro Período Intermediário)

Demótico (século XII a.C. - século X d.C., da Época Baixa até o período romano)

Copta (século IV d.C. – século XIV d.C., do período romano até a Idade Moderna)

Jesus é judeu. O mundo faraônico não existia mais. Após os domínios babilônicos, persas, gregos e romanos, o que restou era um vestígio das antigas religiões. O conhecimento da escrita hieroglífica, já não existia mais.

O Evangelho de CRISTO, parafraseando o livro "Egito x Apocalipse uma visão" "Ele usa figuras desconhecidas, mas que são REPLETAS DE REFERENCIAS a aspectos da religião egípcia, que neste momento está COBERTA DE AREIA enterrada em túmulos e pirâmides, cujos mistérios só começarão a ser revelados com o surgimento da arqueologia e o desvendamento da língua egípcia arcaica. João está escrevendo sob a luz da cultura grego-romana. Suas cartas são endereçadas a igrejas asiáticas dentro do império romano.

Significa que quem lhe concedeu a revelação conhecia de modo profundo e íntimo a antiga religião Egípcia. Mas, para possuir tal conhecimento, conforme você lerá nas páginas deste estudo, esta *testemunha* que lhe concedeu a visão teria que estar vivo, a mais de mil anos.

Graças a Deus, pela imortalidade...de Jesus...

5 e da parte de Jesus Cristo, **a Fiel Testemunha**, o Primogênito dos mortos e o Soberano dos reis da terra. Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados,

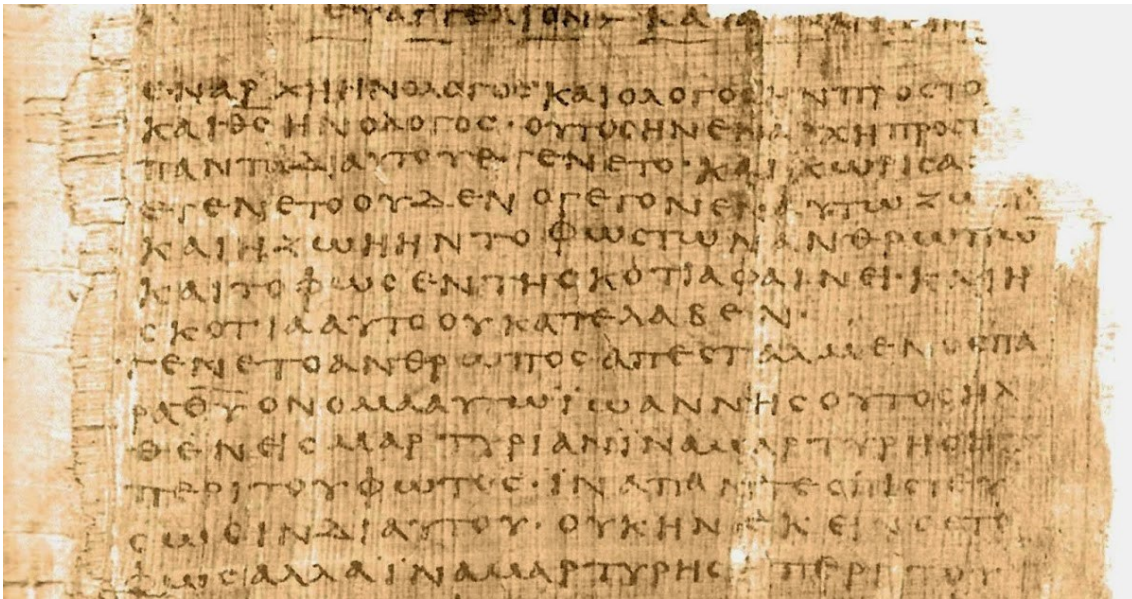
Quando Jesus nasce a religião egípcia da antiguidade é somente uma sombra disforme. Seus rituais, suas crenças, seus valores, a visão da eternidade egípcia, os sacerdócios mágicos e míticos e em particular suas divindades principais não são invocadas a pelo menos 1000 anos. As antigas tradições refletidas no livro dos mortos, nos textos dos caixões, nas paredes das pirâmides e túmulos, as práticas mágicas encontradas em antigos papiros, nada disso existia mais. Os feitiços escritos nas paredes dos túmulos deixaram de ser pronunciados quando os últimos egípcios que compreendiam o significado dos hierógrafos, a linguagem sagrada, foi enterrado. E deve ter ocorrido na época da conquista babilônica. O império Egípcio é quase que completamente devastado por Babilônia, depois a nação é subjugada pelos medo persas, sofre a dominação grega e finalmente um longo período de dominação romana. Nesse período a língua escrita e falada sofre profunda modificação. A fonética e as palavras do antigo egípcio são preservadas com caracteres que herdaram características nas línguas dos seus dominadores. Elas perdem seu caráter simbólico, pictórico, os de sinais gráficos que também eram fonéticos,



E assumem uma forma simplificada, cursiva, o Demótico (século XII a.C. - século X d.C., da Época Baixa até o período romano)



Que também será substituído por outro conjunto de caracteres denominado Copta (século IV d.C. – século XIV d.C., do período romano até a Idade Moderna)



Além das mudanças linguísticas, influenciadas pelo impacto de dominação líbia, assíria, babilônica, medo-persa, grega, romana, o domínio político impetrava diversas vezes mudanças de sacerdócios.

Uma das cidades sagradas cuja teologia ou cosmogonia dominou por séculos as tradições egípcias foi a cidade de Heiópolis, designada pelos assírios de Anu, pelos hebreus de cidade de Om na antiguidade e de Bete-Semes em épocas tardias. Nos registros egípcios, o nome dessa cidade era escrito como Junu, ao passo que os registros assírio-babilônicos a mencionam como Ana ou Unu. Julga-se que o nome egípcio significa "Cidade da Coluna", referindo-se talvez aos obeliscos (colunas altas, que se vão afilando, encimadas por uma ponta em forma de pirâmide) pelos quais a cidade era famosa; ou esse nome pode relacionar-se à pedra sagrada (chamada de a benben) ligada à adoração de Rá (Re), o deus-sol. Os gregos chamavam a cidade de Heliópolis, que significa "Cidade do Sol", por ser o principal centro da adoração egípcia do sol.

Com o passar do tempo, o sacerdócio de Om tornou-se muito opulento, rivalizando, neste respeito, com o sacerdócio de Mênfis e sendo ultrapassado apenas pelo sacerdócio de Tebas (a bíblica Nô-Amom). Relacionada com o seu templo ao sol, funcionava uma escola para treinamento de sacerdotes e para o ensino de medicina. Filósofos e peritos gregos eram atraídos para lá, a fim de aprender a teologia sacerdotal, e Om tornou-se célebre como centro do saber egípcio.

O profeta Jeremias foi inspirado a predizer que o Rei Nabucodonosor **devastaria o Egito e 'destróçaria as colunas de Bete-Semes, que está na terra do Egito'**. (Jr 43:10-13) Bete-Semes corresponde de certo modo ao nome grego Heliópolis e significa "Casa do Sol". Assim, a referência feita aqui é, a cidade de Om, e "as colunas" que deviam ser despedaçadas podem muito bem referir-se aos muitos

obeliscos ao redor do templo do sol. Essa devastação foi uma de inúmeras de transformaria literalmente a religião egípcia em pó de areia.



Esse obelisco egípcio é tudo que restou do centro de adoração ao sol egípcio, na cidade de Al-Matariyyah, Heliópolis, no Cairo.

O sistema religioso egípcio estabelecia a estrutura de seu império. Do trono aos tribunais, da organização social dos palácios aos enterros, da agricultura a divisão das terras e das estruturas sociais egípcias, tudo se conectava aos rituais e práticas espirituais. A mudança de governo ou de autoridade sobre o trono do Egito implicava invariavelmente mudança dos sacerdócios, dos deuses, dos ritos. Porque não havia como o povo egípcio ser governado por um regente que não estivesse confirmado, unido, ao seu cosmos religioso. Isso implicou na perda da religião original, pela mutação contínua da teologia egípcia. É no Egito que se dá pela primeira vez, ou que a história testemunha pela primeira vez o SINCRETISMO RELIGIOSO. Os deuses egípcios mudavam de forma, mudavam de nomes, fundiam atributos. As dominações estrangeiras introduziam novos deuses, novos ritos, novas COSMOLOGIAS. Essa fusão de conceitos produz mudança da religião egípcia e também influencia as religiões dos povos dominadores. Herodo compreendia que muitas das divindades gregas foram IMPORTADAS do antigo Egito.

Tabela 1. Divindades egípcias com equivalentes gregos mencionadas por Heródoto (adaptadas da tabela em Linfoth 6-7).

Divindade Egípcia	Divindade Grega	Localização em Heródoto
Ptah	Hefesto	II.3.1, 112.1
Hórus	Apolo	II.144.2
Osiris	Dionísio	II.42.2, 144.2
Ísis	Demeter (Io)	II.59.2 (II.41.2)
Set / Apophis	Typhon	II.144.2, 156.4
Bubastis (Bast)	Artemis	II.137.5
Neith	Athena	II.28.1, 59.3
Amun	Zeus	II.42
Hathor	Afrodite	II.42
Khonsu (?)	Herakles	II.42
Minuto	Panela	II.46.4
Apis	Epaphus	II.153.1

Uma estátua votiva de bronze preserva a assimilação grega e também egípcia dessa mutação.

Há um exemplo de uma oferenda de bronze sugerindo um envolvimento grego na religião egípcia é um pequeno pedestal de estátua de Memphis com um relevo representando Amun e Mut recebendo uma oferenda de um adorador. Enquanto a arte da cena é distintamente egípcia, a inscrição dedicatória que corre ao longo dos lados e topo do pedestal é escrita em hieróglifos gregos e egípcios. O conteúdo da inscrição é ainda mais interessante, pois demonstra claramente que esta oferenda foi apresentada por um grego ao templo egípcio de Amon em Tebas: "Melânthios me dedicou, uma estátua para Zeus tebano". 77 Com base em uma análise da inscrição grega, é determinado que seja do dialeto jônico e foi atribuída uma data de 550-525 aC



Figure 6. Bronze votive statue base from Memphis with Greek and Hieroglyphic inscriptions, ca. 550-525 BCE (Masson pl. 2.1-2.4).

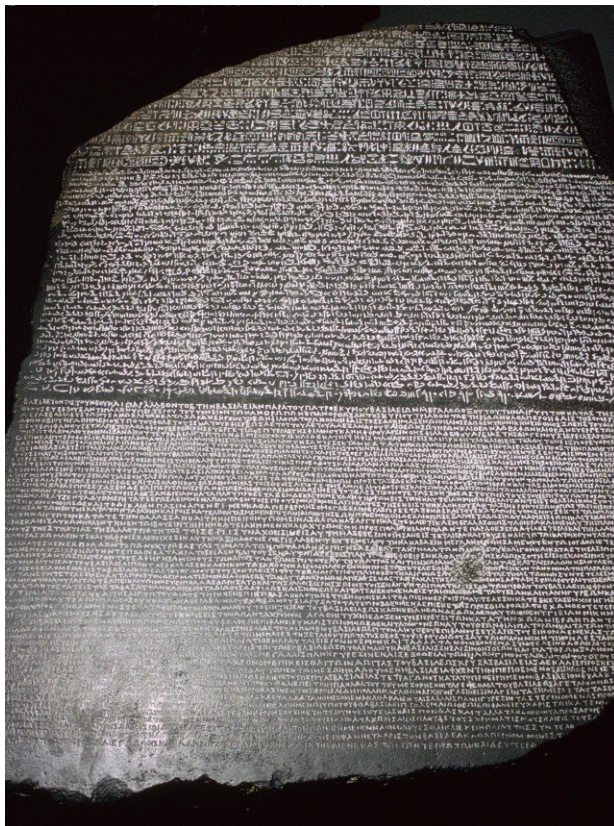
Cerca de 600 anos antes de Jesus, temos que o SINCRETISMO fez desaparecer então completamente as bases, as histórias originais, os princípios, da antiga religião egípcia.

Toda crítica moderna sobre a fato da religião cristã ser uma cópia da religião egípcia da antiguidade perdeu de vista que isso seria IMPOSSIVEL. Estão na verdade contemplando um mistério insolúvel a luz da antropologia ou da egiptologia. Porque o mundo da religião egípcia na época de JESUS era INEXISTENTE. Era uma sombra, um resquício, misturada a crenças estrangeiras, feitas de fórmulas e ritos jamais imaginados pelos antigos sacerdotes do EGITO.

Até o século 19, o Antigo Egito e todos os seus segredos eram completamente desconhecidos. Isso porque, até **1822**, os hieróglifos eram um enigma incompreensível para linguistas, historiadores, arqueólogos e exploradores, e guardavam a chave para decodificar todas as incógnitas relacionadas com essa civilização. Tudo mudou graças à descoberta de um fragmento de granodiorito — uma pedra negra semelhante ao granito — em 1799. Entre os anos de 1798 e 1801, Napoleão Bonaparte liderou uma (fracassada) campanha para conquistar o Egito e, durante esse período, as forças francesas e inglesas se enfrentaram em terras egípcias e sírias pelo controle do território.

Só que Napoleão, que sentia um verdadeiro fascínio por aquelas terras, além de levar seus soldados para lutar, teve o bom senso de criar um grupo especial para acompanhar as tropas: a *Commission des Sciences et des Arts* — ou Comissão das Ciências e das Artes —, formada por engenheiros, astrônomos, químicos, pintores, economistas e outros cientistas.

Então, em julho de 1799, enquanto o capitão do Exército Francês Pierre-François Bouchard liderava escavações para reforçar uma zona defensiva no vilarejo de Rashid — ou Roseta —, a cerca de 80 quilômetros de Alexandria, os soldados se depararam com um curioso artefato. Eles encontraram uma pedra negra com 112,3 centímetros de comprimento, 75,7 cm de largura e 28,4 cm de espessura, e pesando uns 760 quilos enterrada na areia.



A pedra trazia 14 linhas repletas de hieróglifos, assim como 32 linhas redigidas em demótico — um dialeto derivado do hieróglifo — e 54 linhas escritas em

grego. Sendo assim, o pessoal da Comissão das Ciências e das Artes imediatamente reconheceu a importância do artefato. O objeto foi levado para o Instituto do Egito, localizado no Cairo. Entretanto, os franceses não tiveram muito tempo para se dedicar à descoberta, pois os ingleses venceram a guerra e a pedra passou para as mãos do Império Britânico. Aliás, o artefato continua em posse dos ingleses até hoje, e se encontra em exposição no Museu Britânico, em Londres.

Idioma perdido

O idioma hieróglifo se perdeu no tempo depois que o Império Romano assumiu o controle do Egito, por volta do ano 30 a.C.

Muitas tentativas foram feitas no passado por diversos linguistas que acreditavam que os hierógrafos eram IDEOGRAMAS.

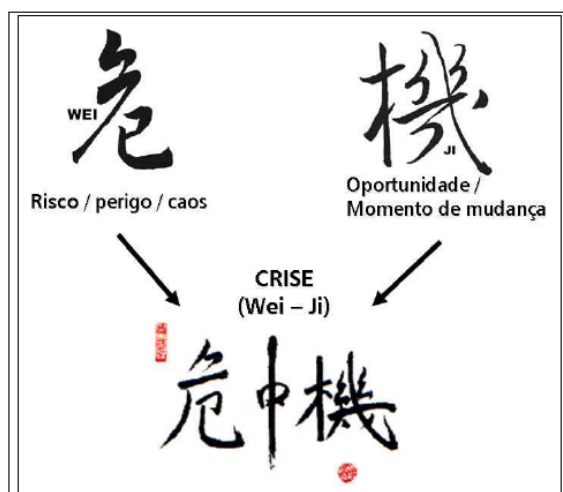


Figura 1: O ideograma/logograma chinês para CRISE mescla as noções de risco/perigo/caos (WEI) e oportunidade/momento (JI). Fonte: Adaptado de Mair (2007).

Os antigos linguistas imaginavam que os símbolos dos hierógrafos continham idéias e antigas teorias imaginavam que os chineses descendiam dos egípcios por causa de suas práticas funerárias. Porém aos hierógrafos são PALAVRAS, contém SONS, e gramática.

Champollion quebrou o código devido ao seu conhecimento do copta — um idioma composto pelo alfabeto grego e alguns caracteres do demótico. Já o demótico, consistia de uma língua derivada do hierático, que, por sua vez, era uma versão simplificada do hieróglifo usada com frequência para redigir mensagens em pedra. O que Champollion fez foi identificar os nomes próprios gravados nas mensagens e se dar conta de que os nomes dos reis se encontravam rodeados. Ele também percebeu que, ao contrário do que muitos outros linguistas antes dele acreditavam, o hieróglifo não era um idioma puramente ideográfico, isto é, composto por símbolos dotados de significado. O conhecimento da cultura egípcia e de línguas ligadas ao Egito foi essencial para o estudo. Champollion contribuiu, principalmente, com a descoberta de que a língua possuía uma sintaxe, que tinha uma gramática que lhe conferia sentido.

Antes disso, descartou que a língua fosse alfabética ou ideográfica (como a chinesa) e concluiu que era totalmente sonora. Cada hieróglifo representava um som e não uma letra ou ideia. Essa é a forma, que através dos séculos a língua egípcia foi sendo estudada, desvendada e decifrada, e é até hoje, pois não está totalmente traduzida. Champollion montou uma tabela com 300 hieróglifos e ícones do hierático e demótico e, a partir daí, traduziu os textos em apenas 13 dias. As mensagens presentes na Pedra de Roseta consistiam em um decreto real promulgado no ano de 196 a.C. na cidade de Mênfis em nome do faraó Ptolomeu V, e dizem que quando Champollion finalmente quebrou o código, ele entrou correndo no escritório de seu irmão, gritou "descobri!" e desmaiou de emoção.

O MUNDO DA RELIGIÃO EGÍPCIA DESCOBERTO PELOS EGITÓLOGOS SÓ FOI POSSÍVEL SER CONHECIDO A PARTIR DE 1822.

Porém conceitos esquecidos ou desconhecidos, visões da eternidade, símbolos e imagens da religião, que estava na memória de sacerdotes e ESCRIBAS mortos a séculos, PERMEIAM a mensagem do EVANGELHO, sendo RESIGNIFICADAS, sendo usadas de um modo ABSURDAMENTE NOVO para retratar os MISTÉRIOS DO REINO DE DEUS. E SOMENTE um estudioso do EGITO com base em TRADUÇÕES que tiveram origem em 1822, podem ENXERGAR como as parábolas, ensinamentos, gestos e representações de Cristo, TRANSPASSAM as tradições mágicas do antigo EGITO.

E se JESUS não era EGITÓLOGO... Só poderia ter conhecimento das coisas egípcias que ele usará abundantemente em seu ministério, assim como a representação espiritual de coisas DESCONHECIDAS pelos egípcios, usando representações que fariam SENTIDO para eles, se tivesse VIVIDO na época em que elas aconteceram. Se ele fosse IMORTAL. Ou se tivesse aprendido tais coisas de um sacerdote egípcio imortal. Ou se tivesse entrevistado múmia viva de um escriba extraordinário. E a tal múmia teria que ter pelo menos uns 2500 anos de existência...na época de Jesus...

Mas, ainda que as soubesse, as coisas mais profundas relacionadas *aos feitiços da eternidade*, já que os templos e mausoléus em forma de pirâmide eram vistos como morada eterna dos mortos...ou denominadas casas eternas... não haveria imaginação humana que pudesse representá-las de um modo tão espetacular, ou usar de modo tão FABULOSO tais referências, num contexto tão avassaladoramente DIFERENTE. Sem os fantasmas, famintos eternamente, vagando em busca de atormentar os vivos que não lhes prestaram os alimentos cerimoniais, porque Jesus seria alimento espiritual suficiente para que nunca mais nem na vida e nem após ela, **o ser humano sentisse fome ou sede novamente.**

Eu sou o Pão da Vida; aquele que vem a mim jamais terá fome, e aquele que crê em mim jamais terá sede.

Sem necessitar que arrancassem o coração do defunto para substituírem por um escaravelho, para que o coração rebelde não dissesse verdades sobre o defunto mentiroso, porque através de Jesus a humanidade receberia um coração segundo Deus, tendo seu espírito REGENERADO.

E vos darei um novo coração e derramarei um espírito novo dentro de cada um de vós; arrancarei de vós o coração de pedra e vos abençoarei com um coração de carne.

Sem ter que enterrar sacrifícios humanos, nas bases de seus antigos túmulos conforme descrito no esboço de linguagem antiga que um dia se tornaria a linguagem sagrada do sacerdócio egípcio, porque Jesus seria o sacrifício eterno, suficiente, superior.

Mas Cristo, tendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, válido para sempre, está sentado no lugar de maior honra, à direita de Deus

Sem necessitar de feitiços que enganassem ou forçassem os deuses a cumprirem os desejos do falecido, porque de boa-vontade o Deus que seria apresentado, já estaria *enfeitiçado* de amor pela humanidade.

Arrebataste-me o coração, minha irmã, noiva minha; enfeitiçaste-me o coração com um só dos teus olhares, com uma só pérola do teu colar.

Sem ter que suplicar que seus membros mumificados se tornassem parte dos membros divinos, ainda que mortos, porque pelo milagre do Espírito a Igreja seria como PARTE de seu corpo divino.

Trecho do Livro do Vir à Luz, extraído do papiro do sacerdote Ani, décima nona dinastia (1295-1186 a.C.), em que se pode claramente perceber a identificação do "morto" com as divindades egípcias:

Meus cabelos são os cabelos de Nut. Minha face é a face do Disco Solar. Meus olhos são os olhos de Háthor. Meus ouvidos são os ouvidos de Apuat (...). Meus pés são os pés de Ptah. Não há membro em meu corpo que não seja o membro de algum deus (...).

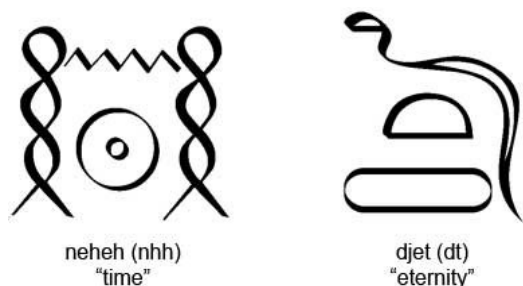
Ora, vós sois corpo de Cristo; e, individualmente, **membros** desse corpo.

Sem necessitar ter que *comer a carne de seus deuses* para se tornarem divinos, como no hino do "Faraó canibal" porque Jesus concederia, gratuitamente, que nos alimentássemos de sua carne e seu sangue, espiritualmente, para que vivêssemos eternamente.

Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos. Quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Pois a minha carne é verdadeira comida, e o meu sangue é verdadeira bebida. Quem comer a minha carne e beber o meu sangue permanece em mim, e eu, nele. Assim como o Pai, que vive, me enviou, e igualmente eu vivo pelo Pai, também quem de mim se alimenta por mim viverá.

Os egípcios possuíam os dois conceitos de tempo que estão também contidos nas Escrituras, o conceito de tempo cíclico/linear, que podia ser mensurado, que possuía minutos, horas, dias, meses e anos- NENEH, e o conceito de um tempo que não muda, permanente, sagrado - DJET;

“Hence djjet is not a linear concept of time, but rather the suspension of time”



O tempo celestial, dos eventos divinos, ao qual ansiavam alcançar. Estes conceitos foram herdados pelos gregos. Há duas palavras gregas que definem os diferentes conceitos de tempo: *chronos* e *kairós*. A primeira denota o tempo mensurável, que permeia o universo material e concreto; a segunda denota o tempo de Deus, a própria eternidade, um tempo impossível de ser medido ou avaliado pelos instrumentos e percepções humanas.

A Bíblia diz que Deus, além de estabelecer um tempo (*chronos*) devido para todas as coisas, “também pôs a eternidade (*kairós*) no coração do homem, sem que este possa descobrir as obras que Deus fez desde o princípio até o fim” (Ec 3. 11)

O anseio egípcio de alcançar o DJET foi concedido por DEUS. E só será cumprida através de Jesus:

Eu sou o que vive; estive morto, mas eis que estou vivo por toda a eternidade!

No Egito Antigo, a realização dos rituais funerários era fundamental tanto para que a perda fosse demarcada (para os vivos) quanto para evitar que o morto se tornasse uma assombração - se os rituais não ocorressem, o morto vagaria como um fantasma assombrando os vivos, crença que exportou para todo o mundo da antiguidade, ainda vigente em muitas partes do mundo até hoje. Em suma, os ritos eram imprescindíveis para que a continuação da vida no mundo dos mortos - domínio do deus Osíris - ocorresse em sua plenitude. O morto dependia dos vivos, que faziam oferendas em sua tumba e preservavam-lhe o nome, fazendo com que sua existência fosse perpetuada, mas também dependia de si mesmo: para que sua memória fosse eternizada era fundamental que ele, o morto, contivesse memória. É nesse contexto que o Livro dos Mortos pode ser considerado um guia essencial, pois se tratava de uma mídia fundamental no sentido de fazer o morto lembrar-se dos encantamentos necessários ao sucesso de sua caminhada na Duat. Mas, os mortos não tinham como ler *o livro do defunto*. Porque estavam mortos.

Jesus então será ele mesmo O LIVRO DOS VIVOS, e quem o lesse, não morreria, viveria eternamente. E sua palavra teria o poder que nunca foi dado aos feitiços jamais pronunciados pelos mortos.

24 Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, **não entra em juízo**, mas passou da morte para a vida.

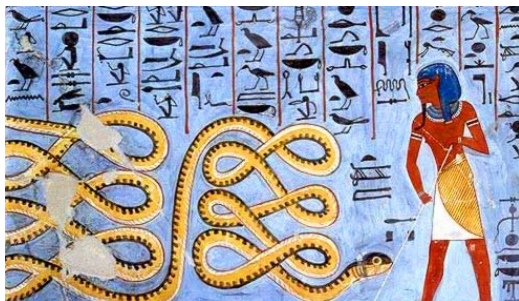
O morto egípcio necessitaria NECESSARIAMENTE que entrar em juízo. Todos eles, até mesmo o mais nobre deles, o faraó. A luta pela eternidade começava nos ritos pós-morte, no choro das carpideiras, na mágica preparação mortuária, nos ritos de magia, no embalsamento, nos feitiços recitados, nos encantamentos escritos, com a finalidade de dar uma chance, garantir uma oportunidade do morto, nessa odisseia fúnebre, de alcançar o tribunal. Mas, até chegar nesse tribunal, essa luta pela eternidade estava MUITO longe de acabar.

Primeiramente o corpo era mumificado, este era um passo muito importante, pois os egípcios acreditavam que o "Ba" ou a alma deveria poder sair do corpo e retornar, mas somente se o corpo estivesse mumificado.

O morto ou sua família deviam previamente ter pagado a um sacerdote escriba para que providenciasse uma cópia do Livro dos Mortos, também conhecido como "Livro para sair a Luz do Dia", este livro iria ajudar o morto durante sua jornada no pós-vida.

O corpo mumificado era preparado para sua jornada no submundo pelos sacerdotes SEM. Eles eram especialmente encarregados de preparar a alma do morto através de rituais para a jornada que este deveria seguir.

Seu destino era os Campos Elíseos. Para isso a alma deveria cruzar as horas do Duat. Esta viagem era feita por barco e iniciava-se no Lago dos Juncos. Durante a travessia vários obstáculos aparecem no caminho do morto. Estes obstáculos são representados pelas 12 horas da noite. Dentre os obstáculos que o morto deve enfrentar está o Deus do Mal Apophis.



Apophis e a Serpente

Ao cruzar diversos portões, serpentes perigosas também tentam atacar o espírito do morto, para isso o morto deverá saber seus nomes secretos, tanto dos deuses, como de seus guardiões para que possa cruzar estes portões e seguir para a próxima hora da jornada. O Deus Rá ajuda na travessia do desfiladeiro. O morto

também deve passar por um lago de água fervente, onde as almas errantes estão queimando.

A cada hora, novos obstáculos se apresentam, até que o morto chegue a Sala da Pesagem do Coração onde os Deuses Thoth, Maat, Osiris e Amint aguardam o julgamento da alma do morto.

Na cerimônia da pesagem do coração um escaravelho representando as ações do morto em vida é colocado na balança da verdade, a pena da Deusa Maat é colocada no prato oposto da balança. Se o prato se equilibrar a alma do morto pode seguir para os Campos Elíseos, caso contrário, a alma será devorada pelo Deus Amint.



Maat – Deusa da Justiça

A alma, uma vez devorada, condena o morto a não existência, o maior temor dos Antigos Egípcios.

O evangelho de Cristo é maravilhoso aos olhos de um antigo egípcio. Basta CRELO, basta ouvi-lo, basta confiar nele, e já não haveria O MEDO DA MORTE. Porque já não haveria os ritos funerários, as OBRIGAÇÕES CONTINUAS para com os mortos, nem a possibilidade de “perder” a salvação, numa crise cósmica interminável.

Em adendo à necessidade do morto em ter posse do Livro dos Mortos, a mumificação aparece como um reflexo da necessidade de se permanecer reconhecível. Para tanto, era fundamental evitar a profanação do corpo; as mumificações dos mais abastados duravam até 70 dias, conforme Heródoto (séc. V a.C. [1985]). Outra questão central é a necessidade de morrer na terra do Egito (Kemet), pois assim a feitura tradicional dos rituais estava assegurada. Dizemos que caso o enterramento não acontecesse a continuação da existência não se apresentava como uma possibilidade, pois não entrar na terra era também não conhecer o deus, desse modo, os vivos tinham função central na medida em que garantiam o enterramento do morto.

Por isso o nome gravado do defunto, em partes costuradas a múmia, em partes do caixão diferentes, nas paredes do túmulo. O intrincado processo de

mumificação para MANTER a identidade, as feições do morto, somadas a PINTURA funerária – para que esse morto fosse RECONHECIDO.

Mateus 10. 32 Assim sendo, todo aquele que me declarar diante das pessoas, também eu o declararei diante de meu Pai que está nos céus.

E o Evangelho define que Deus reconheceria os que creram porque seria Cristo mesmo, que não só os reconheceria, mas que os DECLARARIA, confessaria diante de Deus.

Não seria necessário escrever o nome com tinta mágica nos pés de um esquife para ser reconhecido. Porque a simples IMAGEM e a LEMBRANÇA no coração de JESUS dos que nele creram, será o SUFICIENTE.

Esse breve resumo concede uma vaga noção do que representa a pessoa de Cristo na releitura da religião da antiguidade egípcia. Não haveria tamanha integração com os símbolos egípcios na pregação e na pessoa de Cristo sem que existisse PROPOSITALIDADE. Não é possível tamanha coincidência por causa da profundidade e elaboração da doutrina de Cristo. E não é possível conhecer tais coisas, o *lev motif*, a essência da doutrina mágica egípcia, sem a leitura dos hierógrafos. O que deveria encher os olhos de um egíptólogo de assombro. Ou de fé.

Quando Jesus declara as profecias finais em seu ministério, ele o faz na forma hino que enaltecia a Ramsés II quando foi proclamado faraó.

Ó dia feliz! O céu e a terra estão alegres! Porque tu és o grande senhor do Egito! Os que fugiram agora regressam às suas cidades. **Os que estavam escondidos se mostram; Os famintos saciaram-se e regozijam**

Os sedentos embriagaram-se, Os que estavam nus desfilam vestidos de linho fino, Os com roupas rôtas, resplandecem. Os presos, são livres, os entristecidos estão alegres,

Os que combatiam neste país, pacificaram-se. Um Nilo abundante sai de suas fontes, para refrescar o coração dos homens.

As viúvas abrem as casas e mandam entrar os viandantes, as donzelas exultam e entoam cânticos de júbilos... (hino em celebração à ascensão de Ramsés II (1279-1213 a.C.) ao trono do Egito)

Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo;

Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; Estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me.

Então os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? E quando te vimos

estrangeiro, e te hospedamos? ou nu, e tevestimos? E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te?

E respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.

Mateus 25

O faraó era festejado pelo seu povo, na esperança que sua ENTRONIZAÇÃO trouxesse justiça, alegria e paz à humanidade. Seria, no entanto, um outro rei, que no final da história realizaria a JUSTIÇA DIVINA.

O mundo moderno e sua religiosidade, cultura, e sociedade tem uma indiscutível herança greco-romana. O homem moderno pensa e comercia como os gregos, agindo de modo jurídico, político e militarmente como os romanos. Mas culturalmente e em especial, religiosamente, ele é **essencialmente egípcio. Num nível inimaginável.**

O Egito então TIPIFICA, representa, ao "mundo", esse "cosmos" que é o mundo humano somado ao universo físico, manchado pelo pecado. Na maior parte do tempo a palavra "cosmos" é traduzida para designar "o mundo" no Novo Testamento. A palavra "cosmos" vem de "ordenação" ou "ordenado", ou ORDEM.

O grego via a harmonia das coisas em contraste com a desordem, a desarmonia ou o CAOS. O caos era um conceito que os gregos HERDARAM dos egípcios. E que os egípcios, os hindus, os caldeus, os sumérios e vários povos que já não existem mais, herdaram das narrativas de Babel. Para os egípcios o princípio do universo se dava num mar primordial, num mar cósmico, sem vida, imerso na escuridão. Nun, ou Nu, são as águas abismais ou primordiais, o oceano universal que deu origem a todas as coisas, segundo a mitologia Egípcia, que representava bem ao Caos. Os céus egípcios também adquiriam a capacidade aquática. Os céus eram como um imenso mar, onde os deuses usavam barcos celestiais para NAVEGAREM. Essa imagem permanece na ficção científica até hoje, nas "naves" espaciais, nos cargos das "tripulações" das naves famosas nos filmes, tais como a Enterprise de Star Treck (Jornada nas Estrelas).

UM SUMO-SACERDOTE MAIOR QUE FARAÓ

Jesus será tudo aquilo que nenhum faraó jamais alcançaria. **Realizará todos os feitos imaginários e realizará literalmente todos os atos mágicos, míticos e religiosos imputados aos faraós da antiguidade.** Os faraós ansiavam a eternidade mais que outra coisa qualquer. E ele ressuscitaria com ajuda de outros por meio de rituais mágicos para encontrar-se com um juízo divino no qual mentiria desesperadamente, para conseguir o direito de um dia se tornar uma estrela na vastidão celestial. A preservação do corpo pela mumificação era parte preciosa do processo, pois sem o corpo ele não poderia acordar no reino do além. O coração do faraó era substituído por um escaravelho-coração, um amuleto, para evitar que seu próprio coração se levantasse, revoltado contra ele, o contradizendo diante do tribunal de Osíris. Jesus não necessita de substituir seu coração por nada, pois seu espírito é perfeito. Não necessitava de aprovação de ninguém porque já tinha alcançado a perfeição espiritual e a aprovação divina ainda no início de seu ministério quando a voz divina declara: este é meu filho amado, a ele escutei". O faraó assumia uma identidade divina que jamais possuiu, acrescia nomes das divindades tutelares para exaltar sua pessoa, para ratificar sua ascendência divina, falsa, enquanto Jesus trazia desde nascimento a grandeza e a honra divina, a verdadeira natureza da divindade, porque o verbo se fizera carne, e habitava entre nós. Os atos de faraó representavam domínio sobre a natureza e o caos, **repetia rituais todos os anos como se por sua causa exclusiva o Nilo produzisse as cheias**, em celebrações de auto-glorificação como se dominasse sobre o caos como Deus. **Contudo é Jesus que ordena: Mar, aquieta-te! Vento, cala-te!"** e estes lhe obedecem. **Jesus demonstrou em vida o poder representado de modo fictício, mítico e teatral por faraó**, personificando em verdade aquilo que era somente uma ilusão de grandeza egípcia. Os atos de faraó o tornavam escravo de sua religião, pois já que não possuía a perfeição moral ou espiritual a representava através de atos cerimoniais. **A religião transformou em alegoria o que para ela era impossível realizar, o aperfeiçoamento do espírito humano.** Os cerimoniais realizados meticulosamente, concediam aos seus realizadores a aceitação divina. Vários reis da antiguidade eram vigiados de dia e de noite, seus atos eram representativos, suas roupas possuíam cores e padrões imutáveis, seus passos eram contados, suas palavras e atos controlados por sacerdotes. Faraó significava palácio. E ele era na verdade um escravo de sua própria condição e casa. Era um prisioneiro do palácio. Jesus também teria **seus atos medidos, não pela religião, mas pelo Espírito de Deus.** Cada palavra, cada gesto era fruto de uma antiga profecia, suas palavras não eram mantras ou escritos de livros mágicos, mas provinham do próprio Deus. Não havia um script escrito, **mas cada ato e palavra eram cheios de significados e refletiam uma solenidade tremenda porque o evangelho na boca de Cristo mudava o universo inteiro.** O faraó imaginava poder controlar

poderes espirituais, **mas foi Jesus que manifestou na terra a verdadeira Autoridade sobre os espíritos.** O faraó e a religião egípcia ansiavam a possibilidade de voltar a viver espiritualmente dentro do reino dos mortos através de artes mágicas e rituais que poderiam despertar o morto no outro mundo. Mumificado o faraó dependia da intervenção de um filho que lhe abrisse a boca por meio de um instrumento para ter voz, para abrir seus olhos no mundo espiritual. Para isso não poderia perder seus ossos, não poderia reviver, ainda que num universo paralelo, sem a intervenção mágica e humana. O cerimonial da abertura da boca na terra, dentro do túmulo que era a pirâmide, deitado e amarrado no sarcófago era a possibilidade de retornar a viver, mesmo que uma outra vida. **Jesus não teve seus ossos tocados. Não teve um cerimonial de enterro. E não necessitou que abrissem sua boca para ter voz em outro mundo.** Porque ele mesmo abriu sua boca no meio do mundo humano, e proclamou segredos inauditos de um lugar celestial. E não necessitou que houvesse intervenção humana em sua morte, pois acima de tudo que uma religião ou mago egípcio poderia esperar, **ele voltou por seu próprio poder do reino dos mortos ao terceiro dia.** E voltou de um modo tão definitivo que a morte nunca mais poderá tocá-lo. Quando Jesus pede peixe e come após sua ressurreição, quando lhe dão um favo de mel e ceia na frente de seus discípulos vai de encontro a aspiração de uma vida no além na qual os egípcios, nos campos elíseos poderiam voltar a respirar e a comer.

Faraó é tido como o grande guerreiro, nos túmulos estão exaltadas para sua memória as grandiosas batalhas. Suas derrotas, porém, não são nomeadas. Jesus então também vencerá. Vencerá a maior guerra de todas, a da salvação humana, contra o pior inimigo de todos, o reino das trevas e até mesmo a própria morte será vencida no dia de sua ressurreição. Os faraós necessitavam de feitiços, conjurações e mágicas para proteção de suas almas. Eles criam no poder mágico da Palavra. Imaginavam o poder criador da palavra de seus deuses. A palavra de Jesus é o que basta, não necessitando de feitiços pois ele mesmo é a fonte de todo o poder, sendo ele UNGIDO, tem autoridade sobre poderes, sobre enfermidades e sobre todas as coisas. Os antigos egípcios imaginavam que se conhecessem os nomes secretos de suas divindades, coisa que só determinados sacerdócios ou deidades tinham acesso, poderiam controlar os deuses. Em Apocalipse é Jesus que declara que por sua própria vontade e como recompensa manifestaria algo que até este momento não sabíamos da existência, um nome que ele possui e não temos ciência. **Jesus declara a si mesmo como portador de um nome secreto, a similaridade das deidades do Egito.** Mas, **seu nome público é suficiente** para manifestar toda sua autoridade. **Os faraós colocavam o nome de suas divindades em seus nomes,** para enaltecerem a si mesmos, para legitimarem-se como divinos, como parentes da divindade tutelar vigente.

O que a religião egípcia representava como anseio humano, é concedido gratuitamente á Igreja de Cristo por vontade de Deus.

O Nilo era a fonte da vida para o Egito, Cristo é a fonte da vida para o mundo inteiro, e a partir dele, da fé nele, rios de água viva fluem do interior de quem nele crê. Seu poder nos faz Nilos.

Os egípcios chamavam seus hieróglifos de "palavras de Deus" e reservavam o seu uso para fins de exaltá-los, como se comunicar com divindades e os espíritos dos mortos por meio de textos funerários. Cada palavra hieroglífica representava um objeto específico e encarnava a essência do objeto, reconhecendo-o como divinamente feito e pertencente dentro do grande cosmos. Através de atos de ritual sacerdotal, como a queima de incenso, o sacerdote autorizava que espíritos e divindades lessem os hieróglifos decorados nas superfícies dos templos. Em textos funerários do início e após a XII dinastia, os egípcios acreditavam que desfigurar, e até mesmo omitir certos hieróglifos, trazia consequências, boas ou más, para o ocupante falecido de um túmulo cujo espírito contava com os textos como uma fonte de alimento na vida após a morte. Mutilando o hieróglifo de uma cobra venenosa, ou outro animal perigoso, removia-se uma ameaça potencial. No entanto, a remoção de todas as instâncias dos hieróglifos que representam o nome de uma pessoa falecida privaria a alma dele ou dela da capacidade de ler os textos funerários e condená-la a uma existência inanimada.

Jesus nos manifestará a palavra da vida. Sua palavra é espírito e Vida, sua palavra é aquela que VIVIFICA o ser humano porque suas palavras são verdadeiramente revelação divina, são palavras do próprio Deus Vivo. Porém os paralelos com as Escrituras são muito mais abundantes do que uma primeira leitura pode revelar. **Jesus é como um hierógrifo que sai de uma parede**, ele é a representação mais perfeita da divindade tanto que é denominado em Apocalipse de "a Palavra de Deus". Os discípulos dizem que suas mãos tocaram na "Palavra da Vida".

I Jo 1. 2 O QUE era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e o que nossas mãos tocaram da Palavra da vida, 2 (Porque a vida foi manifestada, e nós a vimos, e testificamos dela, e vos anunciamos a vida eterna, que estava com o Pai, e nos foi manifestada).

A mágica do Egito, fruto da ficção religiosa, do misticismo e da revelação de entidades espirituais, se baseava na "escrita mágica". Os hierógrifos não tinham somente o caráter linguístico, embora também fossem usados de modo secular, como uma língua moderna. Sua origem é sacerdotal, sua essência a magia, seu caráter religioso, sua função ritualística, sua razão maior de ser, a comunicação com o mundo do além, sua finalidade a proteção, ou a maldição. O Egito profetizava pela escrita faraônica, ou pelos hierógrifos.

Quando Jesus anuncia a essência verdadeira da Palavra divina, vai confrontar todos os conceitos filosóficos, mágicos e espirituais contidos nos hierógrifos.

Confronta sua transitoriedade com a eternidade da palavra de Deus, que é sobretudo, SUA PALAVRA:

"O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras jamais passarão"

O egípcio imagina que ter seu nome apagado da parede de um túmulo o destina ao nada, a desintegração.

Essa função pertence a escrita sagrada de um livro muito superior a da sabedoria egípcia, o livro da VIDA, cujo poder de escrever ou apagar mais uma vez é delegado ao Senhor Jesus:

O vencedor será igualmente vestido de branco. **Jamais apagarei o seu nome do livro da vida, mas o reconhecerei diante do meu Pai** e dos seus anjos. Apocalipse 3:5

O egípcio imaginava oferecer, em parte, como oferenda ou alimento, as palavras tumulares, os textos das pirâmides e dos sarcófagos como arte mágica para alimentar, sustentar ou evitar o retorno em forma maligna de um morto.

Jesus confronta tal pensamento quando afirma que:

Disse Jesus: "A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou e concluir a sua obra.

João 4:34

Pois a minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida. João 6:55

Um morto egípcio necessitava sustento de palavras mágicas para continuar sendo sustentado na caminhada no mundo do além. Tanto os vivos como os mortos egípcios necessitavam de uma cobertura de palavras mágicas, feitiços, conjurações, maldições, encantamentos para serem protegido dos poderes de espíritos malignos e da ira das suas próprias divindades inconstantes. O favor de Hathor hoje poderia ser a desgraça do amanhecer. A graça de Isis transformada numa tempestade de dor.

Jesus é um mix, concentra em si o fato de ser o autor, o escritor, a divindade, a oferta, a manifestação viva da VERDADEIRA palavra escrita de Deus, sendo ele o cumprimento das profecias antigas, sendo ele mesmo alimento espiritual para todos os que nele creem. Sendo ele mesmo uma manifestação incondicional e perene de Favor divino imutável. Sendo ele mesmo um ato mágico e profético que anula todas as maldições.

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais em Cristo.

Efésios 1:3

O faraó, desde que confundem seu cargo com o palácio em que morava (faraó era o nome antigo do palácio onde morava o regente do antigo Egito), **é um escravo de suas tradições, preso a uma infinidade de rituais**. Ele é uma espécie de deus-homem, e seu **papel é dar ordem na ordem das coisas**. O cosmos, por assim dizer, **depende de seus atos**. O Nilo, feito das lágrimas de

Isís/Ashet, era convocado nas cheias que nutriam os campos de trigo, arroz e cevada *através de um rito anual presidido pelo faraó*. O mundo egípcio dependia, literalmente, dele. Porém o faraó era somente humano. Como tal se apaixonava, como tal padecia e tinha um medo monstruoso da morte e do amanhã. Mais **propriamente do amanhã** do que da morte. A honra buscada pelos gregos que queriam ser imortalizados em poemas homéricos talvez fosse só uma sombra da preocupação em manter o nome vivo contra as águas do esquecimento, ter uma imagem que permanecesse na história, até para que ele, depois de morto, ter a possibilidade de continuar sua história. Os túmulos elevados a quintessência do descabro, de gigantismo inédito e que inspirou outros tantos mausoléus pelo mundo afora, tinham uma função escatológica, **eram memorial para choro eterno**, deviam servir de futuros templos para os novos deuses, que seriam os faraós transformados em estrelas no azul de Nut, deusa que representava a noite e os céus estrelados, a constelação feito “gente” da antiguidade. Mais do que um Pop Star da atualidade, ser estrela a brilhar nos céus, era **uma meta** que exigia um célebre esforço pós-morte, além da ajuda de uma carpideira eterna, ou que durasse o suficiente para que o recém, chegado aos Campos Elíseos egípcios pudessem ser julgados e se possível absolvidos no tribunal de Osíris. Era por isso que **havia tanto feitiço escrito nas paredes dos túmulos**, e a razão do choro incessante de um grupo original – o das carpideiras – profissão que nasce justamente no Egito.

Quando Jacó morre há certamente uma ciúmeira incontinenti no coração da família real egípcia. O choro pela morte de Jacó é de tal monta que se tornou célebre. É um momento de dor que deixou para sempre na imaginação dos futuros regentes das duas terras aquilo que se devia esperar pela morte de um representante divino.

Como dito antes, o mais poderoso dos homens, temia a morte, o esquecimento, a morte depois da morte, a SEGUNDA MORTE, que seria quando deixaria finalmente de existir. Era tanto desejo de existir que o egípcio contava pelo menos 9 partes que compunham a essência espiritual humana. Não duas e nem três, antes nove. Outro contraponto, talvez não seja sem referência que o Espírito de Deus concede 9 DONS ESPIRITUAIS. Mas, como dito, o faraó se apaixonava. As mulheres egípcias eram de beleza extraordinária, que o diga Marco Aurélio e toda trabalhadeira para conquistar Cleópatra. A maquiagem nasce ou se firma como arte no Egito. Os corações dos adolescentes egípcios eram romantizados, desde muito jovens. Os templos eram recheados de imagens cujo erotismo era tamanho que uma das declarações que o morto deveria expressar no tribunal da morte é que “não cometi nenhum ato abominável ou vergonhoso dentro do templo dos meus deuses” e que na verdade escondia o fato de que **muitos destes adolescentes se masturbaram pela primeira vez em suas vidas diante da iconogravura, erótica ao extremo, do antigo Egito**. As histórias das divindades eram de sexo, traição, tragédia e morte, não necessariamente dentro desta ordem, e os cânticos que inspirariam os romances dos Vedas indianos, que hoje são conhecidos de modo modernizados através do cinema de Bollywood, cantavam romances e eram

realizados com ajuda de danças com pouca roupa de sacerdotisas que inventaram passos ousados e acrobáticos, ainda representados nas paredes de templos, e ainda presentes como tradições nas danças do ventre e similares. Diga-se de passagem, que a dança dos sete véus era uma teatralização de um evento que envolvia o “strip-tease de Isis”, que em busca de resgatar do reino da morte seu amado Osíris, vai obedecendo às divindades que ordenam que a cada passo se desfaça de uma das partes de suas vestes, que no total somam sete. Não recorro se ainda sobrou ao menos seu colar, ao chegar no fundo do abismo. Esse erotismo exacerbado *ia até mesmo* aos enterros. O que era terrível para alguns, para os jovens, **nem tanto assim**. As antigas carpideiras, normalmente o grupo das mais jovens, realizava sua triste cantoria e a seus atos fúnebres com os seios à mostra.



Fig. 8. Outro grupo de carpideiras: mãos sobre a cabeça, desalinho das vestes, pés descalçados, seios nus, cabelos atados, lágrimas abundantes. Vinheta do Papiro de Ani (BM EA 10470.6), XIX Dinastia.

Ou seja, não é necessário dizer que ao redor do grupo de mulheres chorando, havia sempre um grupo de adolescentes, *chorando mais alto ainda*. Então quando lemos nas Escrituras que um faraó se apaixona por Sara, e que ele a introduz no palácio, não estamos distantes da realidade. O rei se apaixonou pela camponesa. Só que ela era a mulher de um profeta. Essa realidade de folhetim era próxima à de todas as eras. Não é sem razão que a mulher do eunuco e capitão do exército de faraó se aproxima do jovem israelita. A mulher casada vivia envolta num mundo de romance e sensualidade *espiritual*. Se ela era uma sacerdotisa, então conhecia de cor os cânticos de Isis, que um dia inspirariam os de Inaana, Ishitar, Afrodite, e todas as demais. E ainda tinha o fato de ser uma esposa insatisfeita sexualmente. Pelo fato de viver numa sociedade carnal (fato reclamado numa profecia em Ezequiel). José disse não, pela sua posição, pela sua lealdade ao seu senhorio. Por causa do temor divino. Potifar deriva de Ptah, deus da sabedoria egípcio. Após a libertação, ele receberá como esposa a filha de um sacerdote, Potífera. São variações do mesmo nome em egípcio.

“E nasceram a José dois filhos (antes que viesse um ano de fome), que lhe deu Azenate, filha de Potífera, sacerdote de Om”

A esposa de um guerreiro o trai e a filha de um sacerdote o consola.

Seu nome era Azenate. Significa "aquela que salva".

Ainda que considerado de natureza divina, o faraó, por sua natureza humana, estava sujeito à morte. Por isso existia um ritual, originado nos tempos pré-históricos e que perdurou até o Período Ptolomaico (304 a 30 a.C.), cujo objetivo era a de renovar a força do rei. Conhecido como festival Heb-Sed, *ou Festa da cauda, era celebrado, teoricamente, após os trinta primeiros anos de reinado e a seguir em intervalos variáveis a cada três ou quatro anos.* Nessa festividade, dramática e sombria, o rei passava por um sacrifício simbólico e público de morte e depois renascia para assegurar a fertilidade da terra. **Por esse ritual se regenerava a força física e mágica do rei envelhecido**, força com a qual ele poderia ainda, e por mais outro longo período, exercer seu papel de criador, como acontecia quando subiu ao trono. Tratava-se de um ritual altamente significativo para os egípcios, como atesta sua representação nos templos funerários reais desde o tempo do faraó Djoser (c 2630 a 2611 a.C.) até o Império Novo (a, 1550 a 1070 a. C.) e o elevado número de tais festas que a tradição nos transmitiu.

Em essência a festa consistia de procissões e cortejos diversos dos quais o faraó e seu séquito participavam, visitando os santuários do país. Os relevos mostram cenas nas quais o soberano, já rejuvenescido, acolhe e recebe as homenagens de delegações vindas de todos os cantos do Egito. Também se executavam determinados ritos que deviam atestar o novo domínio do rei sobre o mundo. Entre eles destacavam-se o lançamento de flechas nas quatro direções do céu e a corrida ritual do rei, paramentado com as insígnias da soberania, rito pelo qual o faraó demonstrava a recuperação da sua força. O faraó já praticara essa maratona durante a cerimônia de sua entronização e agora repetia o exercício. A corrida do rei acontecia num local apropriado, construído ao redor de seus edifícios funerários. Ao público presente era, assim, revelada a força física do rei e sua habilidade para governar usando suas capacidades corporais e mentais. Entre as cenas mais conhecidas dessa festividade estão as do faraó Djoser correndo ao redor de seu complexo mortuário.

Podemos exemplificar a necessidade faraônica da relação de proximidade entre divindade e poder. Nas campanhas do faraó Kamés contra os hicsos (reis pastores vindos da Palestina), o rei egípcio *os repeliu conforme as ordens do deus Amon*, que era considerado "famoso" por seus conselhos. Outro caso interessante é o da rainha e faraó Hatshepsut (1473 – 1458 a.C.), *que imortalizou uma das formas utilizadas para estabelecer a sua legitimidade no trono. Em seu templo mortuário em Deir-el-Bahari, ela ordenou que fosse descrito o seu nascimento divino por desejo do deus Amon. Segundo a história, o deus toma a forma do faraó Tutmés I (seu pai) e faz amor com a rainha Ahmés (sua mãe), concebendo, assim, Hatshepsut de forma divina. Amon-Ra então diz que essa filha de seu corpo será a legítima governante do reino.* A experiência de Hatshepsut nos permite dizer que o acesso de mulheres à posição de faraó era possível. Entretanto o cargo tinha caráter masculino, provavelmente em função das práticas mágicas e religiosas que envolviam tal posição

O ALIMENTO

– O ALIMENTO

Assim como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai, assim, **quem de mim se alimenta, também viverá por mim.** João 6.57

Jesus lança mão de um discurso espiritual de profundidade inusitada dias ao final de seu ministério.

48 Eu sou o pão da vida.

49 Vossos pais, no deserto, comeram o maná e morreram.

50 Este é o pão que desceu do céu, para que não morra todo aquele que dele comer.

51 Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. E o pão, que eu hei de dar, é a minha carne para a salvação do mundo.

53 Então Jesus lhes disse: Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós mesmos.

54 Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia.

55 Pois a minha carne é verdadeiramente uma comida e o meu sangue, verdadeiramente uma bebida.

56 Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele.

63 O espírito é que vivifica, a carne de nada serve. As palavras que vos tenho dito são espírito e vida.

Jesus é sacerdote e rei, rei transitório e rei eterno, é justo e justificador, é de ascendência divina, derrama sua vida divina, sofre a paixão da morte pelo indigno, pelo órfão, pelo escravo, a quem chama para participar de sua realeza, ressuscita com autoridade, torna-se sacrifício e oferenda eterna, oferece sua carne e sangue como alimento e bebida espirituais, ele é o rei que enferma, apesar de ser o príncipe herdeiro que é perfeito, ele é deposto pelos seus para ser coroado pela obediência, ele assume a postura de um bode expiatório, deixa-se enfermar, ainda que possua a natureza divina, ele cumpre o desígnio da morte da divindade, e realiza o impossível que é tornar os que dele participam, imortais.

Os povos da antiguidade criam que os mortos necessitavam de oferendas para continuara a viver, que a oferenda física, o bolo, o pão, o vinho, o arroz, a carne, depositada nos túmulos dos familiares era transformada em oferta espiritual da qual os espíritos dos ancestrais se alimentavam. Criam que os deuses verdadeiramente “comiam” a comida, oferendas, os banquetes divinos a eles

oferecidos, que era mudado ou transportado espiritualmente ao mundo espiritual e era por eles comido.

O BANQUETE MÁGICO

Antes de prosseguir, milhares de 'banquetes' seriam realizados no mundo estranho de então. Dentre eles vamos as piores representações. Os oficiantes dos banquetes realizados em honra de Baal, Astaroth, Tamuz, El e outros vestiam-se a rigor. Possuíam vestes, treinamento, eram exímios cozinheiros. As refeições oferecidas eram reais, eram preparadas com carinho, com rituais, com temperos, com ingredientes muitas vezes EXCLUSIVOS. **Se pudesse diria que a culinária nasceu nos templos.** Os sacerdotes-cozinheiros ou as oficiantes das oferendas faziam 'banquete dos deuses' que significa mais ou menos o que compreendemos hoje em dia, uma comida sofisticada, pratos e iguarias preparados segundo receitas exclusivas que somente determinadas autoridades ou clérigos poderiam participar. Perceba a cena, os oficiantes com roupas exclusivas para o evento, usando recipientes separados para isso e a participação no ritual era algo permitido somente a determinada camada da nobreza, muitas vezes somente os reis participavam desta comilança ou banquete, que também era acompanhado de ritos musicais, danças, cantos e orações. Aquilo fortalecia a unidade entre os soberanos da antiguidade e seus deuses, como se somente aos reis em virtude de sua origem celestial fosse dado o direito de participar de tais banquetes. A reivindicação da realeza de muitos povos do oriente da antiguidade era fortalecida pelo direito que eles tinham ao banquete dos deuses. Tal prática adquiria um caráter místico maligno quando misturado com necromancia. Chegamos no banquete MÁGICO. Além do culto aos mortos, oferecido aos mortos, **havia o culto onde os mortos eram convidados a participar.** Em rituais de magia. Onde feiticeiros e magos invocavam poderes e forças do além, ingerindo drogas e ervas para conexão com o mundo dos mortos. Veremos essa cena pelo menos duas vezes nas Escrituras. Com Saul e a Pitonisa e com Balaão. Os profetas falam da 'oferta aos demonios'. Paulo fala sobre a participação da Igreja na festa pagã da deusa Diana e fala sobre 'comunhão entre a mesa de Cristo e a mesa dos demônios' que vai passar diretamente por esse aspecto dos banquetes religiosos da antiguidade. Invocação de poderes em um ambiente que lembra um BANQUETE. As primeiras manifestações espiritualistas que dão origem ao espiritismo moderno são ao redor de uma MESA DE JANTAR. Nos templos da antiguidade acontecia uma mistura de rituais que misturava o consumo de ervas, afrodisíacos, alimentos especiais e sexo. Algumas festividades ou banquetes eram não somente regados a vinhos misturados com especiarias. Estavam envolvidas em festas carnais, festas sensuais. Veremos uma destas festas acontecendo no Livro de Daniel, o sensual banquete de Belsazar. E no mais pérfido nível, temos os ritos que envolviam 'banquetes humanos' oferecidos as divindades. Foram esses tais 'banquetes' que queimaram crianças às divindades cananeias, em especial a Baal-Ezra e a Tamuz, que culminaram com a expulsão sumária das sete antigas nações que habitavam a terra prometida.

A outra questão envolvia a oferta de alimentos aos mortos, que eram normalmente divinizados ou transformados em guardiões mágicos ou espirituais das famílias. Quanto maior a antiguidade do patriarca, maior sua autoridade espiritual, sua honra e no panteão de uma extensa linha de espíritos honrados através da Oferenda, que era não somente um ato de louvor ou respeito mas também uma premente necessidade no mundo antigo. A oferenda aos mortos deveria ser realizada, acima de todas as coisas, porque eles necessitariam daquilo para continuar existindo, havia uma crença de que por transmutação, transubstanciação ou de outro modo, por espiritualização os alimentos eram realmente devorados pelas entidades, que sentiriam fome e degenerariam em formas malignas, em entidades do mal, spectros, sombras, demônios, se não recebessem suas oblações, oferendas e ofertas nos tempos devidos. O jantar dos mortos, o banquete dos mortos era a obrigação PRINCIPAL dos filhos primogênitos. Os cemitérios com parentes próximos jamais deveriam ficar em locais onde não fossem acessíveis, a noção de propriedade da antiguidade nasce da terra dos ancestrais, locais onde os antepassados estavam enterrados, que deveriam por direito mágico e religioso pertencer aos descendentes para que este pudesse realizar os ritos de oferenda de alimentos.

Todas essas cenas vão se somando para que possamos compreender o mundo espiritual, religioso e mágico de significados que envolvem a Ceia de Cristo, e a expressão de "alimentar-se dele". A ceia é um jantar de comunhão, possui a lembrança de coisas fatídicas, é ao mesmo tempo um anúncio profético da morte de Cristo, é uma referência direta a oferenda aos mortos, que inclusive foi estabelecida como ORDENANÇA para lembrar de sua morte até que ele retorne, representando cabalmente a essência da oferenda aos espíritos dos antepassados, pois Jesus é o antepassado maior de toda a raça humana, pois Adão procede dele. Quanto mais antigo ao ancestral, mais divinizado ele se tornava, tal como os Voduns adorados pelas tribos africanas da costa cerde, e nas regiões de Benin, que invocam como deuses os patriarcas mortos que remontam de uma era imemorial Jesus atende perfeitamente a todos os pressupostos, sendo ele mesmo o mais antigo dos seres viventes, cujas saídas são desde a eternidade, atendendo o mesmo tempo a questão de parentesco, através do processo de filiação divina através da adoção, pelo qual somos feitos filhos de Deus, numa realidade espiritual que atende com folga a todas as premissas mágicas destas visões religiosas. A ceia é profunda em significados e paralelos ela é um banquete divino porque os que dela participam tem comunhão com divindade através de Cristo.

Os farós da antiguidade, no arcabouço mais antigo das crenças egípcias necessitava alimentar-se de ALMAS HUMANAS e mesmo DIVINAS para conseguir alcançar sua própria almejada RESSURREIÇÃO.

UM HINO TEOFÁGICO NOS TEXTOS DAS PIRÂMIDES

Parede Leste da antecâmara do sarcófago da Pirâmide de Unas - Saqqara - aprox. 2350 A.C.

O primeiro Faraó a decorar uma pirâmide com fórmulas rituais foi o Faraó Unas (2378 – 2348 A.C.) ou Unis. As raras vogais não nos permitem saber com exatidão como as palavras eram pronunciadas, pelo que os egiptólogos criaram um modelo artificial de dizê-las, atribuindo “vogais” aos espaços entre consoantes... conscientes que são sons aproximados...

O Faraó Unas foi o último representante da V dinastia e, sua pirâmide em Saqqara, por fora quase completamente em ruínas, se localiza a cerca de 15 quilômetros das pirâmides de Gizé. O texto encontrado dentro deste túmulo ficou conhecido como o “Textos das Pirâmides”, sendo este considerado o texto religioso extenso mais velho até hoje encontrado do Antigo Egito, não apenas uma cópia mais recente, mas o mais velho texto que sobreviveu até nós. O arcaísmo do texto é tal que permite aos egiptólogos admitir ser derivado ou conter traços talvez pré-históricos daquela cultura. Estamos falando daquele que ficou conhecido como o “Hino Canibal”, pois nele o Faraó Unas se alimenta das essências, dos espíritos dos homens e dos Deuses.

Para os antigos egípcios, a palavra possuía valor mágico, atuando quando pronunciada ou escrita. Essa magia ajudava o morto no além. Entre esses textos, os mais antigos são os das pirâmides, que serviam para guiá-los ao paraíso. Entre as múltiplas formas que os compõem, figura o chamado “Hino Canibal”, que só se encontrava nos textos das pirâmides de Unas e de Teti.

O conteúdo do “Hino Canibal”

O destino dos faraós do Antigo Império era a ascensão ao céu, que se fazia com um assalto ao paraíso dos deuses e, para ser realizada, era preciso recorrer a magia, a fim de ultrapassar todos os obstáculos que espreitavam o além. O corpo dos deuses era plenos de magia e, assim, para obter essa força mágica, tinham de “devorar” os deuses.

Esse canibalismo, praticado exclusivamente pelos faraós, foi considerado uma forma ritualística de se apoderar da força das divindades, já que, a força mágica que nelas existia, passava para o soberano e, graças a isso, ele se convertia também, em uma divindade.

Não há dúvida de que “Hino Canibal” é imperativo, no texto, ordena-se às divindades que permitam a entrada do faraó no céu em troca de não serem devoradas por ele:

“Unas é quem come as suas magias, quem traga os seus espíritos. Os grandes dentre eles são para o seu desjejum, os médios, para o almoço, os pequenos, para o jantar, os velhos e as velhas, para a sua lisonja. (...) Unas alimenta-se dos pulmões dos que são sábios, e esta farto de viver de corações, bem como das suas magias. (...)”

Ele alegra-se quando as suas magias estão no seu corpo.
Depois de ter tragado o saber de cada um dos deuses,
A dignidade de Unas não se separará dele.
A duração da vida de Unas é a eternidade, o seu limite
é a perpetuidade (...) é aqui que a alma dos deuses esta
no corpo de Unas (...) os seus espíritos estão em poder
de Unas. (...).É aqui que a alma dos deuses pertence a Unas.”

Jesus é o cumprimento da proposta arrogante do pobre farão divino, Unis. Sua carne é verdadeira comida e o seu sangue, verdadeira bebida espiritual. Não é necessário alimentar-se de nenhuma divindade, espírito ou ser vivo, porque participar da essência de Cristo é mais poderoso que “comer” a enéade (os nove deuses primordiais do Egito) inteira. O faraó morto, de modo mágico ansiava fazer algo que se cumpre espiritualmente na pessoa de Cristo, concedendo o maior, o mais assombroso, o mais desejado de todos os anseios da humanidade. A Vida eterna.

A CRUZ

A mais tremenda profecia bíblica diz respeito a cruz do calvário. MALDITO O QUE FOR PENDURADO NUM MADEIRO.

A MALDIÇÃO DA CRUZ




Quando também em alguém houver pecado, digno do juízo de morte, e for morto, e o pendurares num madeiro, O seu cadáver não permanecerá no madeiro, mas certamente o enterrarás no mesmo dia; **porquanto o pendurado é maldito de Deus**; assim não contaminarás a tua terra, que o Senhor teu Deus te dá em herança.

Deuteronômio 21:23

Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós; porque está escrito: **Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro**;

Gálatas 3:13

A maldição da cruz é a profecia que diz respeito a expiação dos pecados da humanidade, que se cumpre através de pedaços de uma árvore cortada e montada em forma de uma cruz, a qual poderia ser feita de carvalho, sicômoro, cedro. Dentro da escrita sagrada dos egípcios, temos já firmada a **idéia de transgressão, morte, juízo, crime e um madeiro**. Os prisioneiros eram amarrados em troncos com uma derivação. E eram enforcados, ou tinham seus corpos pendurados em determinadas situações.

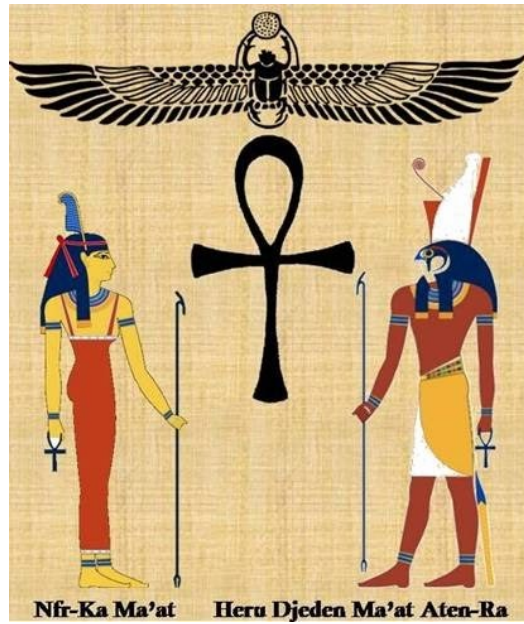
86		—	prisoner, captive, foreigner.
87		—	criminal.
88		—	execution, death.

BY (SIR) E A WALLIS BUDGE 1920

Os egípcios possuíam um símbolo de ressurreição que era também uma cruz. O Ankh, (pronuncia-se "anrr") conhecida também como cruz ansata, era na escrita hieroglífica egípcia o símbolo da vida. Conhecido também como símbolo da vida eterna. Os egípcios usavam-na para indicar a vida após a morte.

Ele é segurado pelo círculo como uma chave, a chave que abriria os portões da vida após a morte. O ankh é na verdade uma chave de uma porta de um templo da antiguidade.





A esperança da ressurreição do morto era simbolizada **por uma chave em formato de cruz**. Assim como a **condenação** de um criminoso e sua execução simbolizadas **por um madeiro**.

A paixão de Cristo não é uma teatralização. Não é uma peça de teatro ou dramatização religiosa com o propósito de representar realidades espirituais egípcias. Foi uma condenação injusta, fruto de um julgamento corrupto, nas mãos de juízes comprados. A execução de Jesus ocorreu de forma não prevista

na Lei Moisaica, em dependência de um regime externo, o romano, que era o idealizador daquela forma de execução, a cruz, específica do TIPO de crime para o qual Jesus fora condenado. A cruz é uma exceção, sua invenção acontece milhares de anos após sua representação nas paredes das pirâmides, e sendo objeto de morte, em nenhuma hipótese possível poderia estar associada a ressurreição. Porque jamais um homem crucificado voltou dos mortos para que assim pudesse ser representada.

Então, em Jesus de modo impossível um símbolo de morte da antiguidade, o madeiro, que por causa do modo que os romanos utilizavam, em formato de cruz, a associa a um símbolo de ressurreição egípcia, que era a chave com a qual o morto abriria um dos portões para entrar ou sair do hades egípcio.

Em apocalipse 1.18 Jesus ressurreto declarará:

Apocalipse 1:17-18

" Não temas; Eu sou o primeiro e o último; E o que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. Amém. **E tenho as chaves da morte e do inferno.**"

Jesus condenado a morte de cruz, usa sua cruz como chave para entrar na morte, e quando sai dela, tem em suas mãos, o poder sobre a morte que lhe feriu, tomando o lugar que foi legado à muitas divindades da antiguidade. Ele agora é o Senhor da vida e da morte, dono do mundo sombrio, senhor do hades, senhor da morte.

A CUSPARADA

João 9

...⁵ Durante o tempo em que estiver no mundo, sou a luz do mundo.”⁶ Então, tendo dito essas palavras, **cuspiu no chão e fez barro com saliva**; em seguida ungiu os olhos do cego com aquela mistura. ⁷E ordenou ao homem: “Vai, lava-te no tanque de Siloé” . O cego foi, lavou-se e voltou vendo.

O evangelho é construído de modo a falar a todos os povos, raças, tribos e nações, de TODAS AS ERAS. Cada gesto de Jesus é segundo a sabedoria multiforme de Deus, que como imortal atento, testemunhou e compreendeu o que eram conceitos mais caros, nevrálgicos, que transmitiam mensagens claras, profundas, às civilizações. Os simbolismos dos atos de Cristo possuem uma excelência gestual inédita, única e ATEMPORAL. Imagine um ser humano imortal que tivesse transitado por todas as civilizações humanas, conhecido pessoas, lugares, usos, costumes. Que além disso, conhecesse ponderações, meditações, que conhecesse anseios, propósitos e o amago de suas crenças, credences, superstições. Que conhecesse seus sonhos e seus pesadelos, suas esperanças e seus temores. Então você terá a profunda noção do que está detrás das ESCOLHAS do Espírito de Deus, em relação as cenas que nós lemos nos evangelhos e porque elas aconteceram do jeito que Jesus as realizou. Tem “teatro” celestial, tem inspiração cênica, tem caracterizações específicas que trabalharam a “coreografia” íntima dos gestos do Senhor. Há rituais nos gestos, símbolos na forma com que Jesus realizou suas maravilhas, há em todos eles PEDAGOGIA de Deus, escondida para alguns e ESCANCARADA para outros. Porque alguns gestos não foram planejados para a nossa geração e nem para a nossa cultura. Eles visavam atingir OUTRO público, de um CERTO modo.

Pedro afirma:

Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça **a vós outros destinada,**

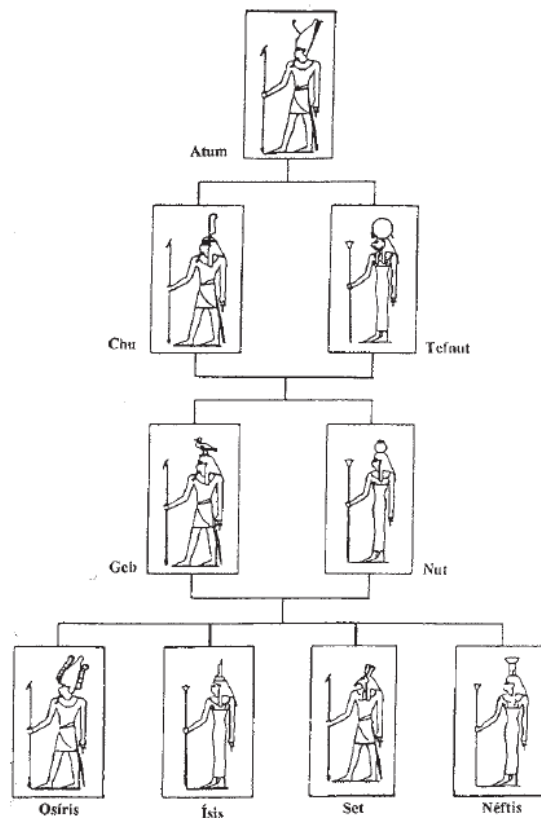
11 investigando, atentamente, **qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava,** ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo e sobre as glórias que os seguiriam.

12 **A eles foi revelado que, não para si mesmos, mas para vós outros, ministravam as coisas que, agora, vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho, coisas essas que anjos anelam perscrutar.**

I Pe 1.11-12

Os atos proféticos de Jesus possuem esse caráter de atingir de modo profundo a pessoas de diversos povos, em diversas eras, levando em consideração até mesmo coisas que foram institucionalizadas em sua estratificação social, em sua cultura, em sua religiosidade.

Ilustração de profundidade



A *Pesedjet* de Iunu: presença significativa do critério numérico de base 2 (casais divinos).

Interessante frisar que a profecia bíblica "Faço justiça até a quarta geração..." está indiretamente fazendo referência **as quatro principais gerações de deuses egípcios**, a famosa enéade. Ou seja, o Deus de Israel tinha poder suficiente para vindicar fazer algo hoje que ainda teria reflexo até a quarta geração na família de quem ele realizou o ato. Significava que se *batesse* em Atum, até a *Nefthis* teria caído no chão.

Na Cosmogonia egípcia a segunda geração de deuses, Chu e Tefnut. Mas, o início de tudo em vários "mitos de criação" dos povos é sempre uma releitura de Genesis 1.

O OCEANO PRIMORDIAL

O Princípio

1 No princípio Deus criou os céus e a terra.

2 Era a terra sem forma e vazia; trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.

Por meio da tradição oral uma antiquíssima revelação foi sendo transmutada na mitologia dos povos da antiguidade. Como os Gregos e Indianos que criam na figura de um oceano primordial, os egípcios deram a este o **significado de início de tudo**. Chamavam-no de NUM, situado em um lugar cósmico, invisível, algo como um gigantesco lago, envolto em escuridão do qual nasceria sua primeira divindade, Atum.

A partir deste oceano primitivo, vai-se originar o deus Atum, que sozinho procria a si mesmo e outras divindades, saindo do estado inerte, era ainda sujeito subjetivo, passando para o estado cinético, vivo; tornando-se sujeito objeto do universo. Deixando de lado uma parte da história, ATUM cuspiu ou escarrando deu a forma dos deuses Shu e Tefnut divindades do ar e da umidade respectivamente.

Shu e Tefnu são nomes que parecem ser onomatopeias egípcias, (palavras que representam sonoridades), do ato de **cuspir** (shu) (tchuu) e **escarrar** (tefnu) (gulturais) (nesta ordem).

No mito de criação humana babilônicos, em Nipur, por exemplo, o deus criador do homem é Enlil. Esse deus modelou-o com as próprias mãos, como faria um oleiro. Em Eridu, a explicação era mais complicada: os deuses multiplicavam-se e começavam a viver irritados por terem de se servir uns aos outros. Namu, que era a mãe de Enki, pensou então fazer alguma coisa para libertar os deuses dessa situação. Pediu ao filho... e os homens foram criados para se encarregarem de prover às **necessidades dos deuses**, criados da **argila amassada com sangue divino**.

Os Onondagas contam a história da criação assim: o grande cacique das pradarias celestiais cansou-se de sua mulher e lançou-a às infinitas águas turvas. Ela pediu ajuda aos animais marinhos para que retirassem o barro do fundo do mar.

Os Maias concebem a criação em 13 etapas. Na primeira, Hunab Ku, o Deus uno, fez-se a si mesmo e criou o céu e a terra. Na décima terceira, tomou terra e água, misturou-os e desse modo foi moldado o primeiro homem.

Segundo a mitologia grega, o Titã Prometeu apanhou um bocado de argila e molhou com um pouco de água de um rio. Com essa matéria fez o homem, à semelhança dos deuses, para que fosse o senhor da Terra. Atena, deusa da sabedoria, insuflou naquela imagem de argila o espírito, o sopro divino.

Entre os Maoris da Nova Zelândia conta-se o seguinte episódio: um certo deus (conhecido pelos nomes de Tu, Tiki e Tané) tomou argila vermelha à margem de um rio, plasmou-a, misturando-lhe o seu próprio sangue, e dela fez uma cópia exata da Divindade; depois, animou-a soprando-lhe na boca e nas narinas; ela então nasceu para a vida e espirrou.

Um mito **chinês** conta que a criação do homem deve-se a Nü Wa, deusa que nasceu na Terra, sozinha no mundo, pegou um pouco de lama amarela na beira do lago, amassou-a e formou uma figura semelhante à sua, mas com tamanho

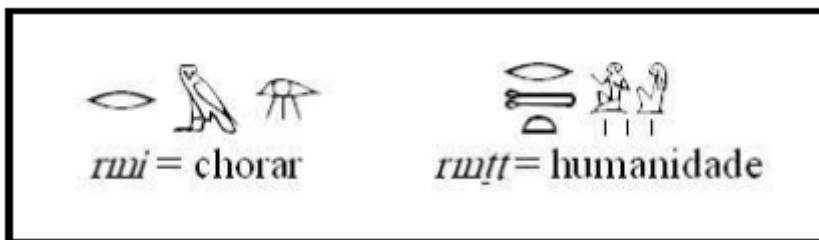
pequeno e quando a colocou no chão ganhou vida, assim, fez muitas figuras e as chamou de humanos.

Quando Jesus cospe no chão, e mistura com o barro, fazendo lodo, ele evoca diretamente ao mito de criação egípcio, vai em encontro a revelação de Genesis, caminha ao encontro de tradições espirituais ancestrais de centenas de povos.

Para um egípcio em particular o ato de cuspir e passar o lodo no olho do cego de nascença vai em encontro de uma divindade e da humanidade.

“Depois de eu ter vindo à existência como único deus, houve três deuses a seguir a mim. Vim à existência nesta terra, enquanto Shu e Tefnut sentiam prazer onde estavam. Eles trouxeram-me o meu olho com eles. Depois de eu ter juntado os meus membros, chorei sobre eles. Foi assim que vieram à existência os homens, **a partir das lágrimas que saíram do meu olho**”

O texto recua pelo menos até ao Império Médio (2.000 a. C.) quando era inscrito nos ataúdes dos nobres, com a intenção de apresentar o defunto perante o deus-criador Atom, insinuando a ideia de uma nova criação da vida. No manuscrito há uma elaboração literária que joga com duas **palavras remiú-lágrimas e romef-humanidade**.



Um papiro hierático, conservado no Museu Britânico, temos uma antiga narrativa sobre a criação, onde a origem dos homens é explicada coletivamente sem distinção. Segundo o mito Ra, o deus sol, surgido das águas primordiais, o Nun, criou o mundo e completou-o com uma flora e fauna abundantes. Posteriormente, criou os homens e instituiu a ordem:

(...) Para criar os homens chorou, e de suas lágrimas surgiram os homens que povoaram a terra. (...)

Jesus tem poder de “ressuscitar” um olho morto, ou melhor, um “olho não nascido” porque jamais chegou a enxergar, com o uso de seu cuspe e da autoridade do Espírito de Deus, que é aquele que caminhou sobre o VERDADEIRO OCEANO PRIMORDIAL, num crossover, numa operação de maravilhas, num milagre que evoca lendas, mitos, saberes antigos e orações recitadas por diversos povos. Era de um poder maravilhoso como esse, que foi

evocado através da água, do lago, do mar, do sangue e do cuspe misturado ao barro, seja ele vermelho, branco ou amarelo, que eles cantaram por inúmeras gerações. Jesus se revelava divino a luz de suas tradições imemoriais, indo até os antigos mitos que foram EXPORTADOS e adaptados, em novas versões, para diversas civilizações.

O judeu não está compreendendo como ato que parecia INDIGNO diante de sua cultura podia fazer algo tão MARAVILHOSO. Os pais cuspiam no rosto da filha rejeitada, os nobres e príncipes no rosto dos rejeitados, dos execrados. Para o oriental, o que Jesus fazia era quase um xingamento, para um sacerdote judeu tornava ao cuspidor impuro.

"Se o homem cuspir em alguém que está puro, este lavará as suas roupas, se banhará com água e ficará impuro até a tarde.

Levítico 15:8

Era o que se fazia com um inimigo

Eles me detestam e se mantêm a distância; não hesitam em cuspir em meu rosto.
Jó 30:10

Porque Jesus está fazendo algo onde o Espírito de Deus quer comunicar-se aos egípcios, e a diversas nações. É o sacerdócio UNIVERSAL de Jesus em ação, onde o simbolismo de seus atos atravessa as fronteiras de Israel.

O FIM DO CERIMONIAL DO LUTO

"Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois a antiga ordem já passou".

[Apocalipse 21:4](#)

[Lucas 23](#)

...[27](#) E uma grande multidão seguia a Ele, inclusive muitas mulheres que choravam e pranteavam em desespero. [28](#) Porém, Jesus, dirigindo-se a elas, as preveniu: "Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; antes, pranteai, por vós mesmas e por vossos filhos![29](#) Porquanto eis que estão chegando os dias em que se dirá: 'Felizes as estéreis, os ventres que jamais geraram e os seios que nunca amamentaram!

As carpideiras da antiguidade, como apontado em um excelente estudo do egiptólogo José das Candeias Sales no tratado "AS CARPIDEIRAS RITUAIS EGÍPCIAS: ENTRE A EXPRESSÃO DE EMOÇÕES E A ENCENAÇÃO PÚBLICA. A IMPORTÂNCIA DAS LAMENTAÇÕES FÚNEBRES" tinham tripla função:

- 1) Seu choro convulsivo apontava para o público a perda de um regente querido, que merecia ser dignificado e honrado mesmo após sua morte;
- 2) Seu lamento fúnebre cerimonial era uma apresentação póstuma às divindades como prova de que o mundo humano perdera uma grande pessoa, que as divindades pudessem ser misericordiosas e aceitá-lo, já que em vida foi muito amado. Era um clamor pela misericórdia futura.
- 3) E um terceiro e nefasto propósito. Acalmar o morto. Apaziguá-lo, para que não ficasse envergonhado por não ter apreço ao morrer, por desconsiderado e resolver voltar como um demônio ou entidade maligna, um espectro ou fantasma amaldiçoado a comunidade ingrata que não teve afeição ao grande legado que o regente/faraó/sacerdote/oficial ou general havia deixado. O morto deveria partir tranquilo, para que não voltasse para se vingar. Esse processo deveria ter continuidade nos rituais futuros.

Lançada aqui a base da oferenda, dos manjares aos mortos, das oferendas volitivas que estariam presentes em inúmeras religiões e que ainda fazem parte dos costumes fúnebres de muitos povos, com especial ênfase na cultura asiática. Ao ler a "A cidade Antiga" de Fustel de Colanges, nós teremos a noção da importância para o mundo antigo da oferenda aos mortos: (Da cidade Antiga) - Essas crenças logo deram lugar a regras de conduta. Desde que o morto tinha necessidade de alimento e de bebida, pensou-se que era dever dos vivos satisfazer às suas necessidades. O cuidado de levar alimentos aos mortos não foi abandonado ao capricho, ou

aos sentimentos mutáveis dos homens; **era obrigatório**. Estabeleceu-se desse modo uma verdadeira religião da morte.

Você deve se perguntar, sobre o que as carpideiras religiosas que choravam a morte dos deuses, pranteavam, se não havia um "corpo" físico da divindade a ser enterrado? As religiões erguiam locais sagrados, bosques, árvores, altares, que representavam o "corpo" do deus morto. Também totens, postes esculpidos e imagens de diversos materiais, pedras, tijolos, madeira e até estatuetas de prata ou ferro, eram enterradas e desenterradas, ou visitadas anualmente com oferendas de manjares, como túmulos de familiares, representando assim os deuses que morriam e reviviam num drama eterno.

O pranto "cósmico", religioso era por natureza, ETERNO. Se dependesse das religiões antigas, jamais iria terminar. Era uma LAMENTAÇÃO ETERNA.

Percebe-se então a necessidade do choro das carpideiras e a posterior a necessidade dos banquetes dos mortos.

São duas faces de uma mesma história sinistra.

A religião de todos os povos bebeu abundantemente nas águas doutrinárias da religiosidade egípcia.

A morte de um soberano do Egito ou de oficiais gerava os mais extraordinários ritos funerários. Dezenas de carpideiras, jovens e adolescentes choravam a morte do faraó, com gritos, com canções fúnebres, com representações de dor e morte que possuíam três funções, evitar que o defunto sentindo-se abandonado voltasse a assombrar os vivos, demonstrar afeto público diante de toda a comunidade e demonstrar apreço ao morto, dentro da esfera celestial, para que comovessem os deuses, demonstrando a perda de uma grande figura humana, pedindo deste modo, misericórdia para este no futuro julgamento divino.

O choro de carpideiras só cessava após o enterro do morto, quando não, dependendo da grandeza de quem estava sendo velado, até 30 dias após a finalização dos ritos mortuários. Os ritos mortuários com choro das carpideiras era um ritual que nascera ou se fundira com o "choro pela morte dos deuses", pois na antiguidade as estações da natureza, a renovação das plantações após a colheita, a morte dos cereais e a recriação da vida, o renascimento da flora a partir das sementes, era como um memorial para a morte e renascimento de Osíris, Frazer citou os exemplos de Osíris, Damuz, Tamuz, Adônis, Átis, Dionísio. Havia rituais de pranto pela morte dos deuses, que duravam semanas, em várias religiões.

[Na procissão de falsos deuses, "Thammuz veio logo atrás, cuja ferida anual no Líbano seduziu as donzelas sírias lamentam seu destino, na melancolia amorosa todo o dia de verão. Tammuz na Babilônia era o jovem amor de Ishtar. Cada ano ele morria e passava para abaixo da terra, para o lugar de poeira e morte, "a terra da qual não há como voltar, a casa das trevas, onde o pó jaz na porta trancada".](#)

E a deusa foi atrás dele, e enquanto ela estava abaixo, a vida cessava na terra, nenhuma flor florescia e nenhum filho de animal ou homem nasceria.

Conhecemos Tammuz, "o verdadeiro filho", melhor por um de seus títulos, Adonis, o Senhor ou Rei.

Os Ritos de Adonis eram celebrados no meio do verão. Isso é certo e memorável: pois, na época que a frota ateniense estava embarcando em sua malfadada viagem a Siracusa, as ruas de Atenas estavam apinhadas de procissões fúnebres, em toda parte eram vistas as imagens do deus morto, e o ar estava cheio de lamentações de mulheres chorosas. Plutarco nos diz que aqueles que levaram em consideração os presságios estavam cheios de preocupação pelo destino de seus compatriotas. Iniciar uma expedição no dia dos ritos fúnebres de Adôn, o "Senhor" cananeu, era péssimo. Os ritos de Tamuz e Adonis, celebrados no verão, eram mais ritos de morte do que de ressurreição. A ênfase está no desbotamento e na destruição da vegetação, e não na sua expansão. A razão disso é simples. Por enquanto só temos que notar que enquanto no Egito os ritos de Osíris são representados tanto pela arte quanto pelo ritual, na Babilônia e na Palestina nas festas de Tamuz.

Há um antigo relato de um historiador que participa de uma campanha militar numa viagem marítima, quando o navio para numa região na época dos rituais de pranto. Ele relata que por toda parte via mulheres chorando, como se todo o país onde chegaram estivesse em luto. Todos os anos, as mulheres das religiões da antiguidade, se tornariam CARPIDEIRAS, de mitos, por cerca de uma semana.

Não conhecemos a origem das carpideiras de Jerusalém. Não sabemos se foi um ato espontâneo de um grupo de mulheres piedosas, se era um serviço religioso pago promovido pelo templo de Jerusalém ou se as mulheres pertenciam a uma ordem religiosa da época, separada, que possuía essa prática. As Escrituras mencionam o uso da flauta em um funeral judaico. O Evangelho de Mateus diz que um governante judeu pediu a Jesus que curasse sua filha, que estava quase morrendo. No entanto, quando Jesus chegou à casa do governante ele 'avistou os flautistas e a multidão em confusão barulhenta', pois a criança já havia morrido. — Mateus 9:18, 23.

Na maior parte do mundo antigo, em Roma, na Grécia, na Fenícia, na Assíria e na Palestina, o som de lamento da flauta estava inseparavelmente ligado a morte e tragédia. Segundo o Talmude, até mesmo o judeu mais pobre que ficava viúvo nos primeiros séculos contratava dois flautistas e uma mulher para chorar a morte de sua esposa. Flávio Josefo, historiador que viveu no primeiro século, registrou que, quando chegou a Jerusalém a notícia sobre os romanos terem conquistado Jotapata, na Galileia, e sobre o massacre de seus habitantes em 67 dC, muitos dos que pranteavam contrataram flautistas para acompanhar os cantos fúnebres em seus funerais.

O choro das carpideiras era então, na época de Jesus, nos domínios romanos, acompanhado de flautistas, e realizado sempre para gente falecida. Jesus estava condenado a morte certa, as carpideiras faziam algo ANTECIPADO, como se fosse

um CHORO PROFÉTICO na certeza da morte do condenado. Era uma viagem só de ida para o calvário, nunca alguém havia voltado vivo de lá. O outro motivo da antecipação da lamentação era que era necessário um corpo sobre o qual se lamentar. E o destino dos corpos era um lugar que não teriam acesso, denominado vale de Hinon, o "vale do monturo", onde corpos de condenados eram lançados, como indigentes, para serem comidos por cachorros e abutres. Era o "lixão" de Jerusalém. Ou elas choravam antes, ou não teriam um "corpo" sobre o qual derramar lágrimas.

Jesus também será seguido de carpideiras (ainda vivo) elas choram enquanto ele caminha em direção ao calvário, como se morto ele já estivesse. Mas, **ele não permite que elas continuem seu trabalho de dores porque bem sabe que ressuscitará ("Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; antes, pranteai, por vós mesmas e por vossos filhos!")**.

E o trabalho delas, será em vão.

Durante a morte de Cristo, a própria natureza agira como sua CARPIDEIRA CÓSMICA. Os céus ficarão de luto, as trevas tomarão conta do mundo durante o instante de sua morte. A própria terra tremerá quando o herói falecer, se contorcerá e romperá sepulcros. Sua vida é semente que trará a luz a Nova Criação, Jesus transtorna a existência dos poderes.

Por diversas vezes Jesus irá PARAR o trabalho das pranteadoras nas Escrituras.

Mas, **NUNCA NA HISTÓRIA HUMANA O TRABALHO DE UMA CARPIDEIRA FOI CESSADO ANTES DE FINALIZAR O ENTERRO DO MORTO.**

Até Jesus.

Ele inicia a paralização de serviços fúnebres no séquito do filho de uma viúva, parando o enterro, as canções de lamentação e o som das flautas, tocando o esquife e ressuscitando o filho morto.

Ele paralisa os serviços que já haviam iniciado quando ressuscita a filha do chefe da sinagoga.

Ele ANULA o serviço prestado por dias, quando ao quarto dia ordena que Lázaro saia de dentro do túmulo.

E por fim, chegada a hora de sua morte, as carpideiras vão seguindo-o até onde podem, na subida para o calvário. E ainda que saiba que irá morrer, Jesus as IMPEDE de continuar. Ele não necessitava daquilo. Porque a morte não poderia detê-lo. Não era uma despedida. Era uma até breve. Jesus iria CESSAR O CHORO para SEMPRE. O culto a Deus, a expressão religiosa, a adoração perfeita não careceria de choro anual por ficção romântica religiosa. O pranto das carpideiras religiosas, o luto das nações pelos seus deuses mortais, tinha uma razão romântica oculta. Desde Osíris, era sempre o papel da "deusa consorte" da deusa esposa do deus morto, geralmente por intriga, inveja ou ciúme de uma divindade

rival, realizar um ritual mágico para trazer o "amado" de volta do reino dos mortos. Dos mistérios de Osíris egípcio ao Mahabharata indiano, era um romance que movia o desespero da deusa, perfeitamente representado pelas sacerdotisas e fiéis de toda a terra. Afinal, o motivo do choro era a destruição de um grande amor, era a dramatização de uma tragédia amorosa cósmica.

Então Jesus que possui também uma consorte celestial, que na verdade é a humanidade redimida que denomina de igreja, retira dela o choro de carpideira.

A começar da reprimenda as "filhas de Jerusalém". Essa expressão é muito conhecida num CANTICO ROMANTICO, em Cantares de Salomão, que o canto de amor divino por excelência. Por diversas vezes em Cantares um grupo de adolescentes esnobes, meninas da cidade grande, filhas de nobres, ficam irritando, perturbando a heroína de Cantares, a Sunamita. "Conjuro-vos ó filhas de Jerusalém, não desperteis ao meu amor, até que ele queira! ". Em certo momento as amigas galhofeiras, que não são de todo más, perguntam "quem é esse teu amado, mais que outro amado que tanto nos conjurastes? "

Levou 1000 anos até que as "filhas de Jerusalém", poeticamente falando, se encontrassem com o "amado, mais que outro amado", aquele que está acima de todas as tradições religiosas, mais formidável que todas elas. E claro, ganham outra "reprimenda". "Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; antes, pranteai, por vós mesmas e por vossos filhos!"

Porque a Jerusalém das filhas de Jerusalém havia rejeitado avultosamente a salvação anunciada pelos "amigos do noivo", os profetas, que lhe alertaram desta visita desde a antiguidade. Só que ela não se preparou para recebe-lo, e ainda o expulsou quando chegou. Jerusalém deixaria de existir como cidade 40 anos após este episódio, os judeus mortos aos milhares, o templo queimado e o povo exilado para todo o mundo na infame diáspora.

Não, não era por ele que elas deviam estar prestando seu serviço. E nesse gesto absurdo e estupendo Jesus cessa a contradição de ser "velado" ainda vivo, ele contradiz uma profecia chorada, a lamuria das carpideiras – esse pobre homem vai morrer e virar saudade daqui a pouco - com a esperança verdadeira e próxima de sua concreta ressurreição.

E finalmente, quando ainda VIVO, e VIVO para sempre, Jesus conceder a revelação sobre o amanhã ao profeta João, ele terminará a história da salvação, que se iniciou antes do nascimento do primeiro homem e que se estenderá após a morte do último, com a seguinte frase:

"Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois a antiga ordem já passou".

[Apocalipse 21:4](#)

Carpideiras, vocês estão, definitivamente, DIMITIDAS.

5 e da parte de Jesus Cristo, **a Fiel Testemunha, o Primogênito dos mortos** e o Soberano dos reis da terra. Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados,

Jesus então é o primeiro ser humano a ressuscitar dos mortos e a permanecer VIVO para todo o sempre. O que desconstrói Osiris, e a todos os outros deuses que morrem, que necessitam de luto e lamentação eternos. Jamais seria necessário o retorno ao mundo dos mortos. E para deixar bem claro isso, no final de Apocalipse, Jesus ainda DESTRÓI definitivamente a morte. Quando a morte e o inferno são lançados no lago de fogo e enxofre.



Em 2011 arqueólogos egípcios e japoneses desenterram um barco de cerca de 4500 anos enterrado próximo a pirâmide de Guisé. O barco do faraó Quéops estava numa câmara próximo ao seu túmulo, e imaginava ser usada pelo soberano para singrar os mares celestiais. Os principais deuses egípcios trabalhavam ou lutavam contra as forças do caos continuamente. Segundo eles, as embarcações tinham uma função simbólica, pois os antigos egípcios acreditavam que o Sol cruzava o céu de Leste a Oeste a bordo de um barco diurno chamado Mandjet , tomando então um barco noturno batizado Mesektet para fazer a viagem de volta do submundo. Nas primeiras doze horas, o sol estaria vivo e iluminaria a terra de dia, sendo que nas doze horas da noite, o sol, que morria todo o anoitecer no Ocidente, entraria no Mundo Inferior, local onde retomaria suas forças para renascer a cada manhã, no Oriente. Essa viagem solar é, assim, o princípio organizador e criador dos espaços do Além.

A HISTÓRIA DA BARCA CELESTIAL

O dia egípcio era dividido em dois períodos de 12 horas e entendiam que tais barcos celestiais navegavam pela região celeste da atmosfera, o céu e pela escuridão da noite, percorrendo dos "céus" egípcios, até o mundo dos mortos, o equivalente ao "hades" grego. Em cada uma das horas, os deuses terão que enfrentar um desafio, vencer um monstro, realizar algo. Cada hora é marcada por um evento. É um drama, que se repete diariamente.

Numa das horas que relatam as cenas vividas pelos deuses nessa navegação cósmica, uma frase é bem significativa. Quando penetram na região dos mortos:

“Quando Ra se dirigiu aos seres lá, eles vieram à vida ao som de sua voz, e eles respiravam”

Ao ouvir a VOZ de sua divindade máxima, Amum Ra, o criador dos outros deuses, os espíritos voltavam a viver, acordavam para ter acesso ao barco dos deuses e poder sair do reino dos mortos para os lugares celestiais onde havia alimento, trigais, sol e vida. os chamados “campos Eliseos”.



Em outra cena lemos que o poder divino se relacionava com a voz dos deuses, que ela ecoava nas regiões celestiais.

Para os antigos egípcios, a palavra possuía valor mágico, atuando quando pronunciada ou escrita. Essa magia ajudava o morto no além. E a magia da palavra, do encantamento NASCE deste CONCEITO da “palavra criadora” ou “vivificadora” dos deuses egípcios. E de um modo mais sinistro, das maldições ensinadas por espíritos malignos.

O faraó e os fiéis da religião egípcia ansiavam a possibilidade de voltar a viver espiritualmente dentro do reino dos mortos através de artes mágicas e rituais que poderiam despertar o morto no outro mundo. Mumificado o faraó dependia da intervenção de um filho que lhe **abrisse a boca por meio de um instrumento para ter voz**, para abrir seus olhos no mundo espiritual. Para isso não poderia perder seus ossos, não poderia reviver, ainda que num universo paralelo, sem a intervenção mágica e humana. O cerimonial da abertura da boca na terra, dentro do túmulo que era a pirâmide, deitado e amarrado no sarcófago era a possibilidade de retornar a viver, mesmo que numa outra vida. Jesus não teve seus ossos tocados. Não teve um cerimonial de enterro. **E não necessitou que abrissem sua boca para ter voz em outro mundo.**

Há escassa, porém sólida, evidência na literatura e arte egípcia à **prática de leitura oral de textos para o público**. A palavra de desempenho oral "recitar"

(šdj) era geralmente associada com biografias, cartas e feitiços. "Cantando" (ḥsj) era para canções de louvor ou de amor, lamentos funerários, e certas magias. Discursos como a Profecia de Neferti sugerem que as composições que foram feitas eram para leitura oral entre os encontros da elite. No primeiro milênio a.C., o ciclo de contos demótico centrou-se nos feitos de Petiese, as histórias começam com a frase "**A voz que está diante do Faraó**", o que indica que um falante e audiência estavam envolvidos na leitura do texto. A plateia imaginária de altos funcionários do governo e membros da corte real são mencionados em alguns textos, mas um público mais amplo e não-alfabetizado pode ter estado envolvido. Por exemplo, uma estela funerária de Sesóstris I (r. 1971–1926 a.C.) menciona explicitamente pessoas que se reuniram e ouviram um escriba que "proclama" as inscrições na estela em voz alta.

Abrirei a minha boca em mistérios, proclamarei enigmas ocultos desde a criação. Jesus é o apogeu do ministério profético. Ele também conta histórias, parábolas e enigmas, ele discursa, prega, profetiza, declara em voz audível como um narrador egípcio, aos mistérios do reino.

O reflexo egípcio em Apocalipse **é que os mortos seriam chamados de volta a vida por uma divindade**. Os egípcios não possuíam a FÉ definida por Jesus. Ou não a exerciam em sua religião. O sobrenatural egípcio era baseado no FEITIÇO, no ENCANTAMENTO. O poder divino de seus deuses era na verdade fruto da HEKA, da magia dos seus deuses. Por não compreenderem a natureza da fé, ou ao poder divino, criam que seus deuses realizavam o sobrenatural como se fossem MAGOS. Por FEITIÇOS. E entendiam que qualquer coisa fantástica, sobrenatural, de caráter mágico, só ocorreria mediante um ENCANTAMENTO. Por isso MOISÉS é também tão difícil de ser compreendido pelo sacerdócio egípcio. A ressurreição mágica, distante, no invisível do mundo inferior, imaginada, ficcional, é realizada de modo LITERAL, nos eventos de Apocalipse:

I Tessalonicenses 4:16 exclama: "Porquanto o Senhor mesmo, **dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo**, e ressoada a trombeta de Deus, descera dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro"

"Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que neles havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras."

Os deuses mortos do Egito, eram imaginados com o poder da vivificação das múmias, ou da parte delas que migrava para o reino do além.

Em Apocalipse Jesus mostra seu domínio sobre tudo, tendo tamanha autoridade que pode conceder a um outro ser celestial, segundo sua vontade, o poder da ressurreição plena, física. **A voz que convoca os mortos para a vida**, na ressurreição final, é a de um arcanjo. E não está fazendo isso num mundo dos mortos, num lugar celestial escondido, oculto, fantasmagórico. Ele convoca

mortos de todas as regiões da morte, onde quer que sejam, e eles vêm. INCLUINDO com certeza, os que estão REPRESENTADOS POR MILHÕES DE MUMIAS ENTERRADAS NAS AREIAS DO EGITO.

Jesus fará o que os sacerdotes de OSIRIS, AMUM-RA, PTAH, ISIS, SHU, TEFNU, HATHOR e companhia, prometeram a dezenas de gerações de egípcios. Numa única feita com todos eles.

E sem usar feitiço algum.

O feitiço não impediu a convocação. A pirâmide não concedeu privilégios, juntas as classes sociais são convocadas. De todas as regiões, de lugares distintos pois a realeza não ia para os Campos Eliseos. Iria para um lugar distante.

OS SETE ESPÍRITOS

Apocalipse 1.4

João, às sete igrejas que se encontram na Ásia, graça e paz a vós outros, da parte daquele que é, que era e que há de vir, da parte dos sete Espíritos que se acham diante do seu trono

O sacerdote egípcio não tinha a noção de onipresença. Porém entendia que a essência dos deuses e dos seres humanos podia se dividir. Uma divindade poderia ser dupla, trina, quádrupla ou sétupla. Os ofícios na antiguidade, as especialidades, ourivesaria, siderurgia, carpintaria, escrita, sacerdócio, perfumaria, encantamento de cobras, e muitas outras eram familiares, hereditárias, alguma sagradas, restritas a determinadas famílias. Os ofícios eram dons divinos concedidos as antigas gerações e replicados as gerações posteriores. Essa especialização classificava as pessoas. Um dia as dividiria em castas ou classes. Algumas atividades só podiam ser realizadas por determinado grupo. As divindades eram igualmente especializadas. E padroeiras de atividades humanas. Cada um cuidava de uma área, era adorado por um grupo. Porque foi ela que concedeu o talento especial ou específico. As divindades dos marinheiros eram diferentes das dos artesões e assim por diante. Mas, se uma divindade apresentasse a capacidade de conceder ou operar ofícios diferentes? Elas se tornaram MULTIPLAS. As vezes representadas com várias cabeças. Ou com MULTIPLAS PERSONALIDADES. Ou com MULTIPLOS NOMES. Os egípcios possuíam um *vasto repertório de enfermidades*. Incluindo psicológicas. A loucura é conhecida desde a antiguidade, a mudança de comportamento, e o que denominamos, transtorno de dissociativo de personalidade. O transtorno dissociativo de identidade, também conhecido como transtorno de múltiplas personalidades, é um transtorno mental em que a pessoa se comporta como se fosse duas ou mais pessoas diferentes, que variam em relação aos seus pensamentos, memórias, sentimentos ou ações. Como se PESSOAS DISTINTAS habitassem um único corpo. E era exatamente essa MULTIPLICIDADE que concediam a algumas divindades. Somando seu conceito limitado de "onipresença" a questão da especialização de ofícios e da experiência humana com a comportamentos psicológicos estranhos (cuja origem ou natureza não é o foco desse estudo) podemos entender a falta de IDENTIDADE dos deuses egípcios e a multiplicidade de alguns. E também compreender parcialmente ao POLITEISMO. Um deus só não dá conta. Tem que delegar para outro um ofício particular. Tem que ter um representante divino para cada ofício. Quando lemos que há " sete Espíritos que se acham diante do seu trono" há um contraste gritante com a PESSOA ÚNICA do Espírito de Deus. Não percebemos no Espírito MULTIPLICIDADE. Nunca nos foram "formalmente" apresentadas nas Escrituras outras DIMENSÕES do Espírito, senão suas referências, seus ATRIBUTOS.

Isaías 11 relata sobre o Espírito Santo unguindo a Cristo:

“E repousará sobre ele o **Espírito do Senhor**, o **espírito de sabedoria e de entendimento**, o **espírito de conselho e de fortaleza**, o **espírito de conhecimento e de temor do Senhor**”

São sete atributos especiais e diferentes, exercidos pelo Espírito Santo. Ele é MULTIPLO em atributos, ele é especialista em tudo o que existe. E até no que não. Seus CONHECIMENTO é inimaginável. Mas para o coração egípcio, isso também é difícil compreender. Um sacerdote egípcio bateria o pé e afirmaria que ele tem que ser MULTIPLO.

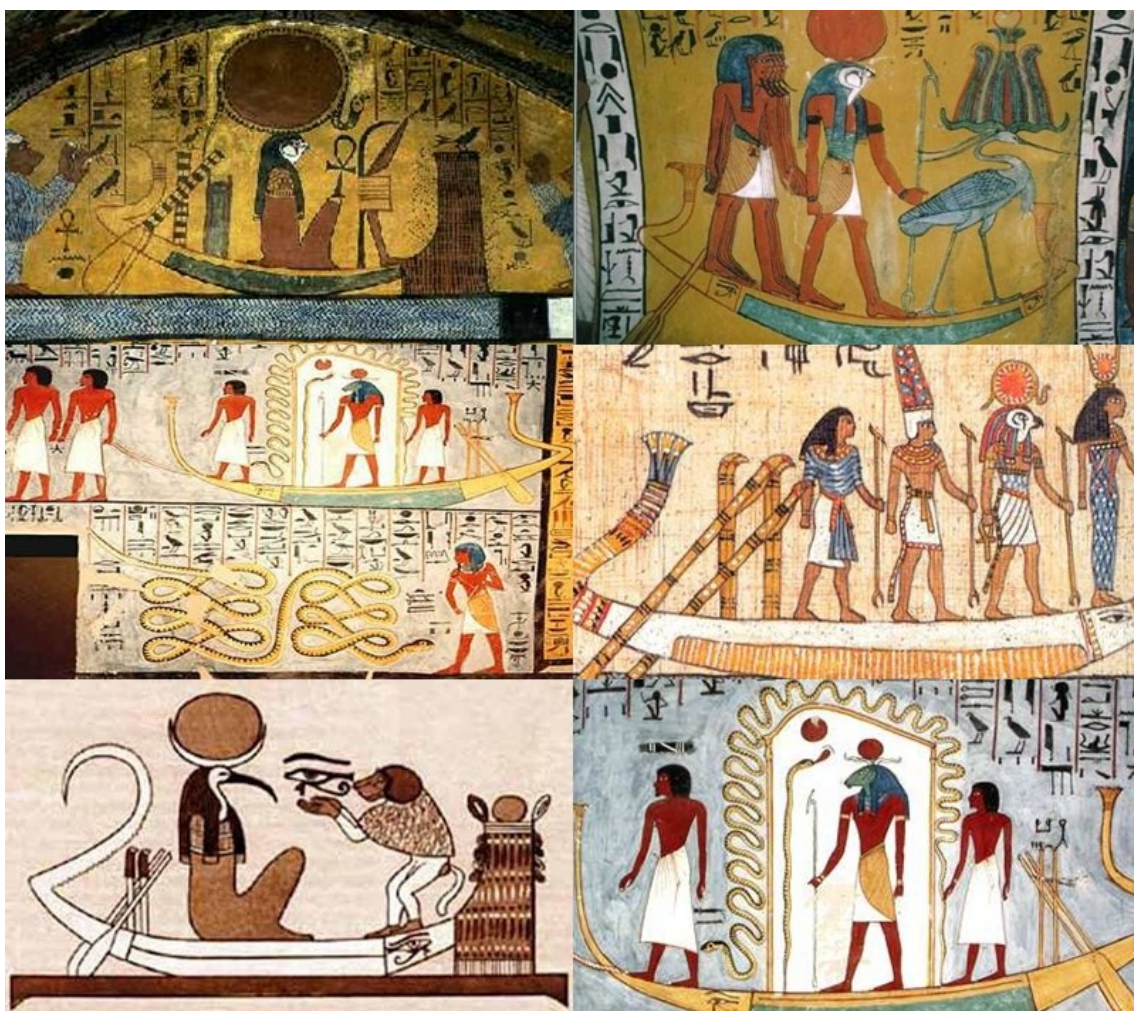
A visão dos sete espíritos então daria um certo “sossego” ao coração desse pobre sacerdote. Mas, se referem a um Espírito que não sofre de transtorno dissociativo. Que mantém sua PERSONALIDADE em todas as esferas da existência e em todas as eras.

PORÉM essa visão mostra que ainda há coisas que NÃO SABEMOS SOBRE O ESPÍRITO DE DEUS. Que ele também tem seus mistérios. Que só nos serão apresentados...quando chegar a HORA (parafraseando a história da barca celestial...).

SOBRE AS ÁGUAS

No relato em Mateus 14.23-34, Marcos 6.45-52 e João 6.16-21. Jesus caminha, literalmente, sobre as águas. Mas, quando ele o faz, ULTRAPASSA a capacidade dos deuses egípcios, como o mito de Hórus e de ATUM-RÁ ou Rá, viajando pelos céus durante o seu "percurso noturno".

De acordo com a mitologia egípcia, tudo no mundo, incluindo os deuses egípcios primordiais que personificavam diversos elementos da natureza, surgiu das águas primordiais; ou emergiu delas. Porém, Hórus, assim como Rá, e vários outros deuses, são sempre retratados navegando sobre as "águas celestiais" em "barcos solares", mas nunca andando, literalmente, sobre elas. **Jesus ultrapassará a imaginação mágica da antiguidade, dentro dos domínios dela.**



A CENA DA CEIFA

Apocalipse 14

15	Outro anjo saiu do santuário, gritando em grande voz para aquele que se achava sentado sobre a nuvem: Toma a tua foice e ceifa , pois chegou a hora de ceifar, visto que a seara da terra já amadureceu!
16	E aquele que estava sentado sobre a nuvem passou a sua foice sobre a terra, e a terra foi ceifada .

De meados de novembro a meados de março, era preciso construir sementeiras e manter as culturas hortícolas; de meados de março a meados de julho, ceifar e preparar a chegada de nova cheia. Semeadores e lavradores operavam ou em conjunto, ou ao contrário da rotina atual: primeiro semeavam, para em seguida lavar, cobrindo a semente com a terra e não traçando sulcos. O arado era rudimentar e servia apenas para arranhar o solo. Como empregavam vacas pequenas nesse trabalho e não bois, fica provado que o esforço exigido não era muito grande. **Quando as espigas amarelavam, reaparecia o escriba real para conferir a expectativa de colheita e estabelecer a parte que caberia ao Faraó.** A ceifa e a debulha representavam um trabalho de tempo integral, durante semanas. Os homens cortavam as espigas com uma foice de cabo curto e as mulheres recolhiam as espigas, que eram lançadas sobre um terreiro, em cujo solo batido entravam bois e homens. *Enquanto os primeiros pisoteavam os cereais, os homens revolviam as espigas com os ancinhos, separando palha do alimento.*

A ceifa é o momento em que FINDA a campanha do Evangelho, e que é COLHIDO ou SEPARADO de dentre os homens os que se tornaram TRIGO. A semente celestial foi a Palavra de Cristo. A palavra de Jesus é DIVINA e possui o poder de transformar o JOIO em TRIGO, ou de transformar o homem em FILHO DE DEUS, pode tornar o PECADOR em JUSTIFICADO. Essa mudança no interior do ser humano é denominada REGENERAÇÃO, e o que o Espírito vê é o coração humano transformado. O joio não será colhido e o trigo não será deixado. A palha será separada do trigo, o homem segundo o coração de Deus será finalmente separado do ímpio, o sincero do falso, o que possui verdadeiro arrependimento do que simula transformação.

Esse texto fala que existe uma época, um período pré-determinado para crescimento espiritual da humanidade, onde acontece o milagre da transformação, e que tal período FINDARÁ. Há um instante em que o PROCESSO termina, quando aos olhos do Pai, chega o instante de finalizar a semeadura, de terminar a convocação, de finalizar o convite. Porque já não há mais ESPECTATIVA de conversão. É o momento em que o Soberano, tal como faraó ordena a COLHEITA para que seus celeiros sejam abastecidos.

SACERDÓCIO REAL

Apocalipse 1

6

e nos constituiu reino **sacerdotal** para o seu Deus e Pai, a ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém

Quando Jesus declara a Igreja como Sacerdócio real é como se retirasse o cargo dos sumo-sacerdotes do Egito e de Faraó. Era uma classe de intermediários exclusivos entre deus e os homens. Faraó era a mais alta patente sacerdotal de seu povo, e nele estava incorporado o papel de único sumo-sacerdote, capaz de colocar Ordem sobre o Caos. Sem ele as forças das trevas e do caos destruiriam ao Egito e ao mundo. Por isso o desespero durante a morte de faraó e a necessidade de erguer um substituto, pois sem ele as forças do cosmos estariam desreguladas. Durante a morte do faraó seus súditos corriam para que ele fosse "osirificado" ou divinizado, através de rituais para que ele ascendesse a condição divina e se tornasse uma estrela. O processo de beatificação e da eleição do papado pela religiosidade da Igreja Romana tem inspiração nesse tema macabro.

Quando Jesus afirma que a Igreja é feita nação sacerdotal, ele estabelece o impensado. Divide seu status divino com o povo, reparte seu cargo, faz com que todos sejam similares a ele. Jesus legitima uma condição espiritual de IGUALDADE entre os seres humanos, desconhecida pela religião egípcia.

A religião do Egito era mutável, esteve em continua transformação, porque dependia do sacerdócio, família real, ou cidade estado que vencesse a disputa política no controle governamental. Mudança de capital do reino, divisão ou fusão dos reinos do baixo e alto Egito.

Dependendo da família real ou da cidade estado dirigindo a nação, mudava desde a teologia oficial, os rituais, o sacerdócio e até as divindades. Temos capitais famosas, tais como Tamis, Tebas, Hierópolis, Pi-Ramesés ou Memphis.

Durante o reino de Salomão, cerca de 1000 aC, em Tebas o cargo de Sumo-Sacerdote adquire praticamente o mesmo peso do que o do Faraó. Esse reinado esporádico pode ter sido assumido principalmente para fins de culto: já que era o rei que era o ponto de contato entre o mundo dos homens e o dos deuses, um estado praticamente independente assim como o Alto Egito requeria alguém para preencher o papel. Nesse período **os sumo-sacerdotes assumiam funções militares. Todos eram generais e tinham o título de "Grande Comandante do Exército" e "Grande Comandante do Exército de Todo o País"**. Também foram responsáveis pela construção de várias fortalezas na área controlada por Tebas, concentradas em sua maioria na margem leste: el-Hiba, Sheikh Mubarek e Tehna.

Esse "sacerdócio real" chamado por CRISTO é convocado para uma GUERRA ESPIRITUAL. Por isso também por sete vezes nas cartas às Igrejas da Ásia em Apocalipse Jesus usará a expressão "Quem Vencer".

Apocalipse 3

5 O vencedor será assim vestido de vestiduras **brancas**, e de modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida; pelo contrário, confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos.

Ainda neste contexto mágico-religioso de uso de palavras para substituir ações e garantir um bom destino no Além, de acordo com Schneider (1977:302-303), a presença do nome do morto nas estatuetas teria a função específica de servir como um meio de sua preservação no Além, pois **é conhecido para o povo egípcio a importância do nome como um dos constituidores do ser humano** como tal e como ser vivo, sendo que, sem o seu nome, o morto é esquecido e condenado à destruição absoluta, sem direito a uma vida após a morte na "Terra do Deus", sendo que o mesmo aconteceria caso houvesse um julgamento desfavorável no tribunal de Osíris, condenando o morto a ser devorado por Aman, isto é, à aniquilação ou segunda morte.

Nas estatuetas funerárias a inscrição mAa-xrw (JUSTIFICADO, ou EM VERDADE, SEGUNDO A VERDADE), pode ser encontrada sempre após o nome do morto, desde o Segundo Período Intermediário. Deve-se levar em conta, que o uso do termo mAa-xrw seguindo o **nome do morto expressa o desejo do mesmo em ser considerado "justo de voz"**, isto é, alguém que está de acordo com a maat, o que seria verificado durante a cerimônia descrita no Capítulo 125 do Livro dos Mortos, momento em que o morto é julgado no tribunal de Osíris e tem seu coração pesado. Portanto, de acordo com a lógica mágico-religiosa dos egípcios o fato do termo mAa-xrw aparecer escrito no artefato juntamente com **o nome do morto garantiria que a absolvição** fosse atribuída, permitindo que o falecido goze dos atributos de um pós-vida osíriaco, nos Campos do Além, sempre de acordo com a maAt, por ser um "justo de voz", um "justificado" perante Osíris.

Apagar o nome do morto para o egípcio é o equivalente aos gregos a cessar a oferta mortuária. Sem o nome o espírito/alma do morto deixaria de existir. Pois haveria um feitiço sem endereçamento, dirigido a ninguém, porque só o corpo não basta para averiguar quem é quem no julgamento final. Seus "caixões" seriam lidos, consultados. Apagar ou RISCAR o nome do sarcófago era desejar que o morto JAMAIS VIESSE A RESSUSCITAR. Que jamais tornasse a viver.

Nome sendo apagado num sarcófago.

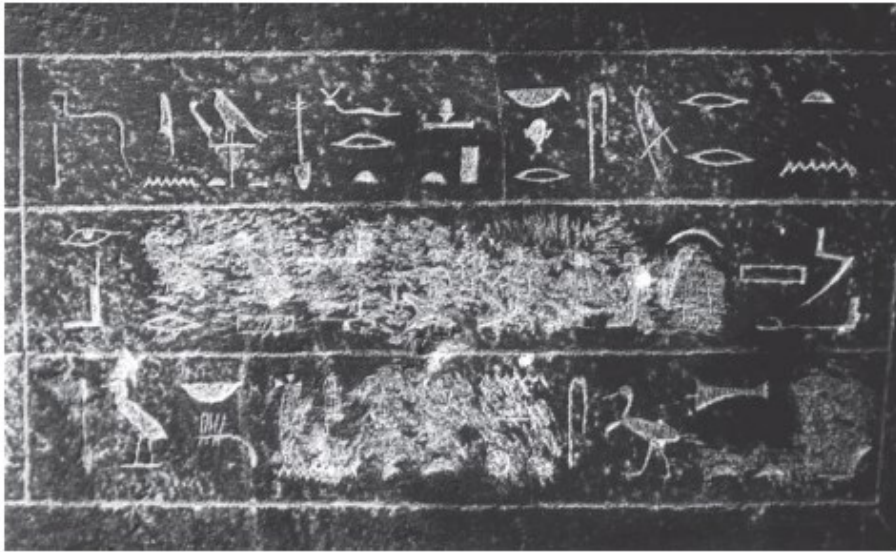


Fig. 6. Sarcophagus of Iahmes, foot side, right half. © Hermitage Museum.



Fig. 7. Sarcophagus of Iahmes, foot side, left half. © Hermitage Museum.

É dessa representação que o Espírito de Deus EXTRAI A IMAGEM para O LIVRO DA VIDA. Do temor extremo que os egípcios tinham de ter, LITERALMENTE, seus nomes RISCADOS, porque assim não seriam RECONHECIDOS, não seriam tido como JUSTIFICADOS, e mesmo que conduzidos ao TRIBUNAL ou JUÍZO DIVINO, não estariam PROTEGIDOS de suas próprias maldades.

O CETRO

Apocalipse 2

27 e com **cetro** de ferro as regerá e as reduzirá a pedaços como se fossem objetos de barro;

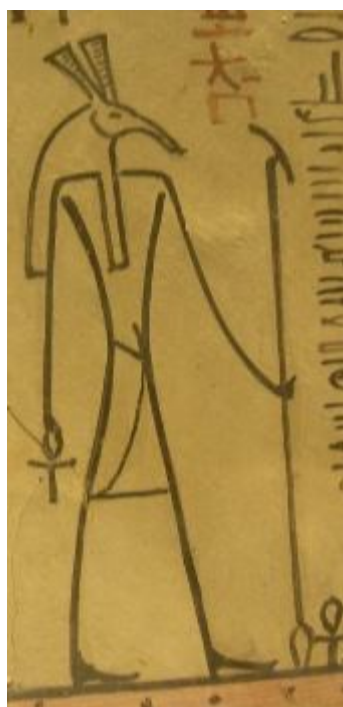
Apocalipse 12

5 Nasceu-lhe, pois, um filho varão, que há de reger todas as nações com **cetro** de ferro. E o seu filho foi arrebatado para Deus até ao seu trono.

Apocalipse 19

15 Sai da sua boca uma espada afiada, para com ela ferir as nações; e ele mesmo as regerá com **cetro** de ferro e, pessoalmente, pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso.

O cetro da Pré-dinastia era diferente, denominado was. Que era símbolo DIVINO, do poder, sendo segurado nas mãos dos deuses. (Imagem abaixo de Seth segurando o Was)



A decoração de muitos incensários em forma de braço, novamente **fazem referência ao papel do faraó como intercessor principal com os deuses**. Uma imagem em miniatura do rei às vezes está desenhada atrás do recipiente para resina, localizado na metade do comprimento do incensário. Já que o rei-sacerdote não podia officiar em todos os templos do Egito, estas esculturas pequenas **podem ter dotado os sacerdotes com autoridade para fumigar**

para **os deuses no lugar do faraó**. Desta forma, a presença do rei poderia ser magicamente invocada, independentemente de quem realmente queimou a resina. (AN "ODOR OF SANCTITY": THE ICONOGRAPHY, MAGIC, AND RITUAL OF EGYPTIAN INCENSE).

O ferro era um metal divino para os antigos egípcios. Que embora não o fabricassem, o compravam e importavam, na forma de hematita, um minério quase feito de ferro puro. Os cetros DIVINOS da antiguidade, os cetros que pertenciam as divindades eram feitos de METAL, em particular hematita.

Quando JESUS usa um CETRO DE FERRO, ele se coloca como uma DIVINDADE. Ele representa um REINO DIVINIZADO, um reino divino dominando sobre as nações da terra.

O SERPENTÁRIO




































































Apocalipse 12

9

E foi expulso o grande dragão, a antiga **serpente**, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos.

Por outro lado, é bastante claro a partir de várias passagens nos textos com os quais as paredes das câmaras e corredores dos túmulos pirâmide de Unas e Teta, e outros reis do Antigo Império em Sadkk,ra está escrito que o Egito estava infestado de cobras venenosas e répteis nocivos de vários tipos quando as formas originais daquelas passagens eram escritas, e que eram suficientemente formidáveis e numerosas para causar a grave *ansiedade da vida dos corpos. de seus mortos*. As serpentes eram adoradas, eram temidas, e temidas até que comessem ou entrassem nos sarcófagos, e nas múmias profanando os corpos. Os egípcios DEPENDIAM da preservação dos corpos mumificados para terem acesso ao paraíso, campos Elíseos ou lugares celestiais. O corpo ficava ligado ao morto, a alma fragmentada do morto, sua destruição acarretaria a destruição da alma no mundo do além. Assim como apagar o nome do morto.

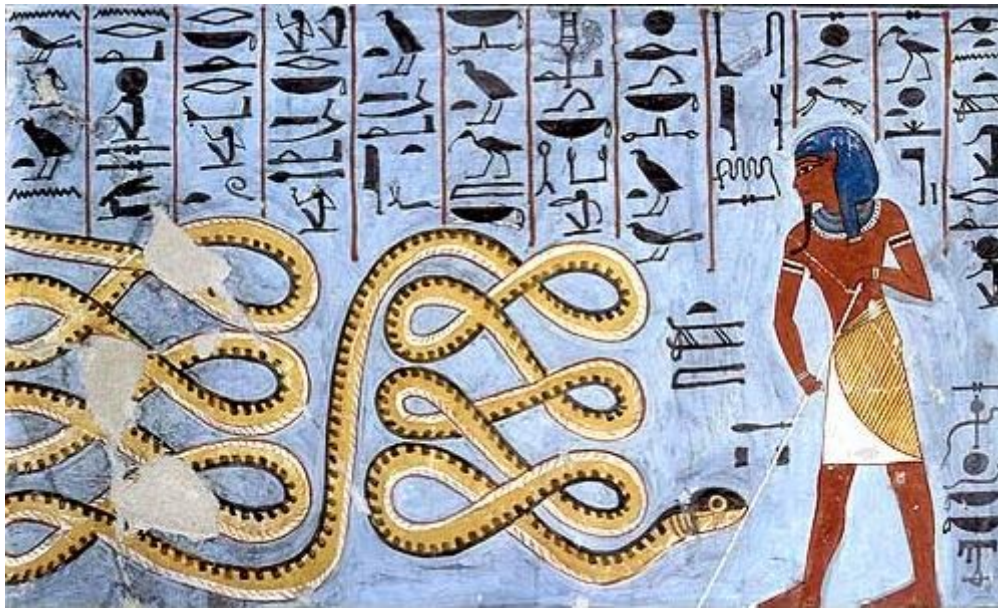
Assim, no texto de Unas, 1º rei da V Dinastia, encontramos uma série de curtas fórmulas mágicas, muitas das **quais são dirigidas contra serpentes e animais ferozes**, e todos são expressos em termos que provam que eles devem ter sido compostos muito antes de serem inscritos nas paredes dentro da pirâmide do rei, É correto pensar que elas devem ter apresentado sérias dificuldades para o literato escriba dos reis. Nestas fórmulas são mencionadas as serpentes:

are mentioned the serpents Ufá,     , Nāi,    ,
Hekā,    , Hekret,      , Setcheh,     ,
Ākeneh,     , Āmen,     , Hāu,     , Āntāf,
     , Tchaser-ṭep,       , Thethu,     ,
Hemth,            , and
allusion is made to a most “terrible serpent,”     
     . At the time when these formulae were composed

O mundo JAZ no MALIGNO, como um imenso CEMITÉRIO, como uma gigantesca pirâmide.

Em certo momento de Apocalipse ocorrerá justamente o PIOR DOS TEMORES dos egípcios, o pavor das cobras tornado real. **Quando neste mundo-cemitério, a serpente celestial for lançada definitivamente.**

E ao mesmo tempo, significa o COMEÇO DO FIM da batalha celestial



Para os egípcios, todas as noites, quando o sol se punha, significava que Rá travaria mais uma grande batalha contra a serpente do caos, Apópolis. Segundo o Amduat, que significa "O livro de como é no submundo", que apareceu completo pela primeira vez na tumba de Tutmés III, no Vale dos Reis, o submundo era dividido em 12 horas que Rá precisava enfrentar para no outro dia reaparecer novamente no horizonte, saindo vitorioso de mais uma batalha. O Amduat dava detalhes do que o deus iria encontrar durante a jornada de 12 horas no Duat. Duat era um lugar de trevas onde existiam diversos demônios, conhecido também como submundo. Assim como Rá, os Faraós começaram a associar o Amduat com a sua própria vida, e o livro servia para que o Faraó morto soubesse os nomes dos deuses bons e ruins que iria encontrar na passagem junto com Rá. Houve outras versões como o Livro dos Portões, em que as 12 horas são colocadas como 12 portões.

A primeira hora representa Rá entre o céu e o submundo, quando o sol está se pondo e vai perdendo sua energia. Na segunda hora, Rá entra em um lugar chamado Ur-Nes. Na terceira hora, o barco de Rá passa sobre o córrego de Osíris e é acompanhado por três outros barcos remados por Osíris, que assumia formas diferentes. Na quarta hora, Rá viaja para o deserto de Sokar, um lugar guardado por cobras, e nessa hora o barco de Rá se transforma em um barco em formato de cobra para viajar sobre as areias. Na quinta hora, Rá ainda continua nos domínios de Sokar e é ajudado por 7 deuses e 7 deusas que o levam até um lugar seguro. Na sexta hora, Rá passa pelo santuário de Osíris e se prepara para o grande momento de enfrentar seu eterno inimigo: a serpente Apópolis. Na sétima hora, a barca de Rá é bloqueada pela serpente e a batalha acontece.

Só que esse ciclo cósmico era INTERMINÁVEL. Jamais essa luta celestial teria final, porque estava amarrada ao ciclo solar, ao dia e a noite. Amarrados ao universo natural, as divindades refletiam somente a astronomia das coisas criadas. Em seu mito os egípcios confundem a criação com seus deuses. A serpente sendo jogada

dos espaços celestes para o mundo, terminaria a guerra que começou antes da aurora dos tempos.

Essa imagem é poética aos olhos de um sacerdote egípcio. E claramente significa que a NOITE haveria de terminar, assim como a escuridão, os terrores noturnos. E com a fim da escuridão, até mesmo o fim da morte. Porque a noite simbolizava a destruição das estrelas e do sol, e o dia seu renascimento.

Mas agora, a serpente foi lançada na terra, a guerra estava para terminar. A luz da representação maligna de Apep ou Apófis, isso não representaria algo bom, no entanto para o mundo. Porque significaria que o mal foi DERRAMADO sobre a terra.

São EXATAMENTE todas essas realidades que se somam nas declarações do Evangelho e também em Apocalipse

O fim de tudo - Ora, o FIM de todas as coisas está próximo; sede, portanto, criteriosos e sóbrios a bem das vossas orações;

O mal sendo lançado na terra: Então, vi e ouvi uma águia que, voando pelo meio do céu, dizia em grande voz: Ai! Ai! Ai dos que moram na terra, por causa das restantes vozes da trombeta dos três anjos que ainda têm de tocar!

O fim da morte: Então, a morte e o inferno foram lançados para dentro do lago de fogo. Esta é a segunda morte, o lago de fogo.

O fim da noite: Então, já não haverá noite, nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e reinarão pelos séculos dos séculos

As cobras sendo definitivamente sendo destruídas da terra do Egito.

A DESCIDA

Momento dramático da existência quotidiana, a noite era concebida como um período de pugna cósmica entre Ra e o seu arqui-inimigo, a gigantesca serpente Apóphis, onde, depois de todas as ameaças do caos (isefet) e de todas as manifestações do caos susceptíveis de frustrarem o equilíbrio do cosmos, a ordem acabava por imperar, com a vitória do deus-solar sobre as trevas e o nascimento resplandecente do Sol de cada nova manhã. As 12 secções do percurso solar na liturgia denominada Am-Duat com as suas profundas cavernas e os seus hostis habitantes eram estâncias onde se travavam batalhas decisivas de uma guerra nunca terminada. A viagem noturna da barca do Sol no mundo subterrâneo era um momento limite do «estar no mundo» de cada Egípcio.

Ou seja, para a continuidade da existência os deuses tinham necessariamente que DESCER até as trevas, ao “hades” egípcio, ao submundo, lutar contra os poderes das trevas, e depois emergir de lá, vitoriosos. Todo dia ao amanhecer era festejado o “renascimento do sol” que havia sido engolido pela serpente Apep, ou destruído de algum modo, e que graças ao titânico esforço do trabalho em equipe das divindades egípcias, poderia renascer a cada amanhecer. Então havia uma barca que invariavelmente os conduziria a uma batalha eterna, que se repetiria até o final dos tempos, dentro de um lugar oculto, na dimensão dos mortos, em que só haveria a possibilidade da existência e da ordem, se os deuses DESCESSEM até lá. Porque na mitologia egípcia tal lugar ficava abaixo nas entranhas da terra, abaixo das pirâmides e dos sepulcros. Inclusive haviam cidadelas egípcias que eram tidas como “portais” para esse mundo abaixo, portões do hades, submundo.

Efésios 4

...9 O que significa “Ele subiu”, senão que também desceu às partes mais baixas da Terra? 10 Aquele que desceu é o mesmo que semelhantemente subiu muito além de todos os céus, para preencher tudo o que existe.

Os deuses da ficção egípcia jamais foram a lugar algum. Porque jamais viveram e jamais lutaram, logo jamais venceram poder algum. Mas, quando Paulo por uma revelação compreendeu o que Jesus realmente realizou, com relação a obra da redenção, nos declara uma realidade espiritual que relembra o anseio egípcio. Jesus realiza sozinho o que um conglomerado de divindades não conseguiu realizar. Só que não numa alegoria. Literalmente. Jesus retorna dos mortos, fisicamente, permanentemente. Não conhecemos os domínios da morte, pois jamais homem algum pode nos revelar sobre o além. Todas as religiões declararam o que imaginaram. Porque mesmo os seres humanos que tiveram uma morte transitória, que ressuscitaram após minutos ou horas, não puderam

lembrar, comunicar ou traduzir de modo coerente o que experimentaram. O domínio da morte é um lugar desconhecido pela humanidade. Jesus vai em direção ao anseio da vitória sobre a morte, ao desejo da ressurreição egípcia. Os feitos de Cristo ultrapassam todas as esperanças, todos os mais loucos sonhos, todos os rituais que os egípcios imaginaram. Ao se tornar o *único* que desceu, sendo também o *único* que subiu as regiões celestiais, o deixa numa posição de magnificência, de sublimidade e de assombro que faria um sacerdote da antiguidade lançar para longe seus bastões mágicos, queimar seus amuletos, rasgar seus papiros de feitiços e adorar a Jesus, para sempre. Os egípcios perceberam coisas espirituais verdadeiras, mas perderam elas no meio da imaginação religiosa e da idolatria.

Há uma cosmogonia genuína. Uma realidade transcendente na qual vivemos e na qual morremos. A realidade espiritual que nos cerca foi contemplada pelos povos da antiguidade por uma janela, à meia-luz, coberta por um véu. Negada pela ciência, distorcida pela religiosidade, descaracterizada completamente pela magia.

Jesus é aquele que sendo guiado pelo Espírito de Deus, teve a missão de retirar o véu que está sobre as gerações humanas, para que pudessem enxergar com clareza o que um dia foi somente imaginado.

OS BODES

Mateus 25.31-46 — “E quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; **e todas as nações serão reunidas diante dele**, e apartará uns dos outros, como o pastor apartam dos bodes as ovelhas; e porá as ovelhas à sua direita, **mas os bodes à esquerda**. Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: vinde benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e foste me ver.”

Enquanto comiam os arbustos, as barbas das cabras se tornaram endurecidas com o labdanum endurecido, e o incenso poderia ser colhido cortando suas barbas. Alternativamente, fitas feitas de pele de cabra, enroladas ou presas à manguais (bastões de madeira usados normalmente para triturar grãos) eram colocadas sobre as plantas da goma-esteva, para estocar gotas de labdanum. O arbusto de cistus labdanum, de goma-esteva, ou arbusto de esteva, é originário do Oriente Médio, de montanhas das regiões costeiras e do Mediterrâneo. Atualmente, essa planta é encontrada em todos os países próximos ao Mediterrâneo, porém os ramos de cistus são colhidos somente na Espanha e no Marrocos. Os atributos de **Osíris relacionavam-no com a barba de cabra** e o mangual o conecta à colheita de incenso, sublinhando a centralidade antiga do perfume na religião egípcia. Quando o faraó ia realizar os cerimoniais ele usava uma “barba postiça” feita da barbicha de cabra. Ungida com bálsamo ou labdanum.

A parábola das cabras e das ovelhas nos fala de julgamento. E veja que OS BODES normalmente barbudos, **que lembrariam ao SENHOR** a barba cerimonial de faraó (que era falsa feita de barba de cabra), unguida com o “incenso” de Osíris, unguido com as crenças dos egípcios, ficarão EXCLUIDOS do rol dos “aprovados.

A posição ao lado de um soberano declarava a posição social dos convidados. Posicionavam-se ao seu lado direito os amigos chegados, os príncipes, os juizes, os nobres, os generais, os oficiais do palácio. E a esquerda, os estranhos, os convidados de outras terras, o estrangeiro, e os que estivessem sendo julgados por alguma falta cometida. Ser convidado para se assentar ao lado direito de um rei era então sinônimo de honraria. De ascensão social. De confiança real. As pessoas não categorizadas, ou de estirpe inferior, permaneceriam do lado esquerdo nas convenções sociais. A mão direita do rei era símbolo de autoridade.

O tempo do cumprimento dessa parábola é o tempo de Apocalipse.

Vem a lembrança de que o incenso cerimonial israelita pertencia somente a DEUS. Era feito de componentes, (gálbano, onicha, mirra, etc) para criação de um perfume sacerdotal que não podia ser usado com finalidades cosméticas. Uma mulher ou homem israelita não poderia utilizar o perfume que era usado no santuário para fins particulares. O faraó com barba de bode invocava para si uma divindade que não possuía, exercendo um cargo que também não lhe foi lhe

dado por Deus, diante de deuses que não eram deuses. *O livro de Hebreus afirma que ninguém pode fazer de si mesmo sacerdote, sem que seja por Deus separado para tal.* Essa na verdade é a tônica da religiosidade do mundo. Ficção religiosa, ritualismo e práticas lúdicas que não acrescentam, antes desvirtuam. Esse é também será o **resultado da exportação mundial da teologia egípcia**, que inspirou, moldou, centenas de teologias da antiguidade.



Como ferramentas para coletar o ládano, tanto o mangual como a barba das cabras, representadas pelo mangual na mão de faraó (a ferramenta com três bastões da figura anterior) e a barba cerimonial, podem ter associado a intercessão do rei para o seu povo para **a coleta incenso para os altares do templo** e, em seguida, usando as nuvens de fumaça para mediar ou dramatizar o contato entre o céu e a terra. A nuvem de fumaça representava ao mistério, ao MARAVILHOSO, ao miraculoso.

Na passagem em que Jesus separa os bodes para sua esquerda, lembramos da passagem:

Muitos dirão a mim naquele dia: 'Senhor, Senhor! Não temos nós profetizado em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios? E, em teu nome, não realizamos muitos milagres?' Então lhes declararei: Nunca os conheci. Afastai-vos da minha presença, vós que praticais o mal.

Os sacerdotes egípcios usavam incenso para ficarem num estado de consciência alterada, meio que drogados. Então simulavam estar possuídos pelas divindades que prestavam serviço. Usavam a fumaça de incenso como recurso para simular o sobrenatural, dar a ambiência a cena. Simulando o MILAGROSO. O incenso queimado da resina que também era passada na barba feita de pelo de cabra, que vestia ao faraó sacerdote supremo de sua religião.

O evangelho vai então sob a sombra de rituais egípcios deixando esclarecer, não necessito deo bodes que façam milagres, ou que finjam fazê-lo. Quero ovelhas

que vivenciem milagres. Não quero gente fingindo ser divina, com unguento que não lhe pertence. Não quero teatro religioso, desejo antes, *teatro divino*.

É muito interessante o fato dos bodes terem sido usados no passado para vários tipos de sortilégio mágico. Incluindo o bode expiatório, que era conduzido pelas mãos de sacerdotes hebreus para representarem o pecado israelita sendo lançado no deserto, no mar feito de areia.

VIVO PARA TODO O SEMPRE

Grande é o contraste com a apresentação que Jesus faz de si mesmo em APOCALIPSE

e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno.

Os egípcios dependiam de mirra e resina (cistus labdanum) para grande parte de seu incenso, reunindo as resinosas "lágrimas" e "suor" dos deuses enquanto eles eram exsudados da casca. **Essas árvores frutíferas eram veneradas como deusas-mães**, cuja resina era descrita como sangue divino menstrual. Outros deuses também ofereciam fluidos de sustentação de vida através de casca de árvore. Ilustrações do livro dos mortos frequentemente mostram deusas como Hathor envolta em árvores, refrescando aos mortos, com um fluxo de água. Além de aparecer como um arbusto de estuque, os sinais djed de Osíris implica que ele evoluiu para um deus árvore. O feitiço 15 do Livro dos Mortos o chama de "Senhor da naret-árvore". Plutarco acrescenta que um arbusto de Urze (Urze é o nome comum de diversas plantas da família Ericaceae, particularmente dos géneros Erica e Calluna. São espontâneas em terrenos pobres em cal e com flores de cores diversas.). Plutarco diz que Isis encerrou ao caixão De Osíris até que o rei de Byblos o encontrou, desenterrou, cortou a madeira dele para usar como coluna em seu palácio. Ísis retirou o cadáver do marido de dentro do baú profanado e envolveu a urze restante, a resina que sobrou, em linho perfumado para o povo adorar. O caixão de Osíris *acompanha*, ou é representado como estando sempre junto a árvores sagradas que secretam resinas aromáticas (no processo semelhante das relíquias ou restos sagrados católicos, os famosos relicários – pequenas urnas espalhadas em igrejas seculares que afirmam conter como pedaços, partes de personagens bíblicos famosos, tal como a coroa de Jesus, os pregos da cruz, pedaços da arca de Noé, pedaços da cruz do calvário ou o mais conhecido, o santo sudário).

A fragrância flui de seu cadáver, das flores de urze, ou de mirra ou de esteva, que o cercam, e finalmente das camadas de linho perfumado. Os egípcios associavam todos os fluidos vivificantes que se infiltravam do corpo em decomposição de Osíris com as lágrimas resinosas e o suor dos outros deuses.

Os deuses principais egípcios, como Rá eram associados ao disco solar. Estas associações solares dotaram os ritos de incenso com **a magia para vivificar as estátuas dos deuses**. Os sacerdotes egípcios ofereceram simbolicamente luz do sol para seus deuses na forma do perfumado **Olho de Horus**., lembrando que os incensários QUEIMAVAM incenso, carregando em seu interior a luz de uma vela, ou uma brasa incandescente. Como o aromático suor de Amum que leva a vida a todas as divindades do cosmos, o incensário poderia respirar ou compartilhar respiração concedendo vitalidade em estátuas sem vida. O incenso transfere o calor e "odor do corpo vivo" a objetos inanimados, infundindo madeira ou metal com a umidade do "suor divino". Libações de água ajudaram o incenso a criar

fluidos corporais para as estátuas, e os egípcios, por vezes, interpretaram as gotas de resina como as lágrimas de Isis que ressuscitaram a Osíris e ordenaram a vida, e esse choro fazia o Nilo a subir a cada ano. Como resultado, as resinas de incenso tornaram-se emblemáticas do poder que soprou a vida de volta ao deus mumificado do submundo (Osíris seria a primeira múmia, a partir dele seriam criados os ritos de mumificação). Em certo sentido, os sacerdotes egípcios consideravam seus deuses como **cadáveres necessitando ser constantemente ressuscitados**.

Os deuses do Egito estavam MORTOS

Salmo 115

4 Os ídolos deles são prata e ouro, obra das mãos do homem.

5 Têm boca, mas não falam; têm olhos, mas não vêem;

6 têm ouvidos, mas não ouvem; têm nariz, mas não cheiram;

7 têm mãos, mas não apalparam; têm pés, mas não andam; nem som algum sai da sua garganta.

Tal como acontece com a fumigação do templo que assegurou ofertas "vivas" para os deuses "vivos", as qualidades vivificantes do incenso fúnebre também poderiam ser usadas para animar objetos não humanóides. Os sacerdotes realizavam a cerimônia de "Abertura da Boca" **nos escaravelhos do coração** para fazê-los dar um testemunho positivo quando o morto aparecia diante do tribunal do submundo de Osíris. Até cartuchos ou rolos podiam ter suas "bocas abertas", como em um relevo inscrito no templo de Seti I onde Seti e seu filho oferecem incenso a **longas colunas de nomes de faraós**. Para os egípcios, que acreditavam que todo objeto possuía um espírito, o incenso podia restaurar o calor e a umidade de qualquer coisa.

Embora a resina queimada nos templos pudesse representar os corpos de vários deuses diferentes, o incenso e as libações usadas para "abrir a boca" das múmias referiam-se principalmente a Osíris. Os rituais fúnebres reencenaram dramaticamente o mito de sua ressurreição. O filho do falecido geralmente oficiava diante da múmia em imitação de Horus e sua lendária visita ao cadáver de Osíris. O deus falcão vivificado seu pai morto, oferecendo-lhe seu olho, o sinal de sua vitória sobre Seth. Da mesma forma, o filho obediente queimaria "**o cheiro do olho de Hórus**" diante da múmia para garantir o triunfo dos pais sobre a morte. Apropriadamente, uma cabeça de falcão muitas vezes aparece em alças de incensário, imagem abstrata de Hórus subindo como incenso do outro lado do incensário. Com incenso cultual, os sacerdotes ofereciam o corpo resinoso do deus ao próprio deus ou a outros deuses. A fumigação funerária ressuscitou os mortos ao administrar a resina resinosa, os ossos e o suor de Osíris à múmia, transformando o cadáver em Osíris. Durante a fumigação, a múmia aparece para "inalar" a respiração dos deuses na forma de incenso, compartilhando a respiração divina confere divindade aos mortos, um conceito descrito no Livro

dos Mortos durante a viagem noturna da barca do deus sol através do submundo aquoso: "Eu respiro o ar que sai do seu nariz, o vento norte que vem de sua mãe. Você glorifica meu espírito, você faz do Osiris minha alma divina ". Até mesmo o léxico egípcio reflete esse simbolismo com a palavra *senetcher*, que significa "incenso", derivado da palavra *senetcheri*, que significa "**tornar divino**"....

O cósmico contraste com "Eis que eu fui morto mas estou vivo para todo o sempre". Em uma imagem de Seti eu fumigando estátuas de Isis, a direção angular das chamas subindo do incensário indica que o faraó direciona o incenso para os deuses soprando através do **incensário**.



Osíris morre e é despedaçado por Seth, por isso também, **Jesus não permitiria que nenhum de seus ossos fosse tocado.**

Quando Jesus sua sangue, no Getsêmani, o faz lembrando o SUOR DIVINO dos deuses do Egito. Que se identificavam com o mistério da INTERCESSÃO. O que será profetizado em Cantares – Irei ao outeiro de gálbano e ao monte de mirra. Cantares 4:6

“Antes que refresque o dia e caiam as sombras, irei ao monte da mirra e ao outeiro do incenso” e “Quem é esta que sobe do deserto, como colunas de fumaça, perfumada de mirra, de incenso e de toda a sorte de pós aromáticos”

Apocalipse 1.18

Eu Sou o que vive; estive morto, mas eis que estou vivo por toda a eternidade! E possuo as chaves da morte e do inferno

No cerne das religiões que veneram entidades milenares está o CORAÇÃO DA TEOLOGIA EGÍPCIA. É ELA QUE exporta SUA ESSENCIA de veneração aos mortos para grande parte do mundo da antiguidade. Suas principais divindades foram espelhadas em casas reais do passado.

As divindades da época antiga, 4000 a.C à 1200 d.C foram comuns a muitas nações. Os cultos se fundiam com sacerdócios locais, os povos “importavam” deuses estrangeiros, deuses estranhos ou exóticos de terras distantes. Babilônia, Persia, Egito, Grécia e Índia compartilharam de diversas divindades. Muitas divindades persas um dia foram hindus ou mesmo babilônicas, despidas de seus “sarís” e vestidas de trajes persas. A “fusão” de religiões e a criação de novos cultos é uma característica fundamental da religião da antiguidade, e tal prática NASCERIA NAS TERRAS EGÍPCIAS. E tal característica ainda serve de base para muitos movimentos religiosos mágicos da atualidade. Atualmente concedem um nome simplista de “sincretismo religioso” a essa “fusão” de costumes, ritos, crenças, mas a realidade espiritual que isso traduz é muito maior que aparenta. Essa “mutação” dos deuses antigos em novas crenças, com novos rituais, realizado em novas culturas por outras famílias sacerdotais esconde uma trágica verdade, terrível constatação. Muitos “deuses” se tornaram deuses num processo de evolução. Os primeiros deuses dos povos eram seus próprios ancestrais transformados em espíritos protetores ou em fantasmas e espectros de maldade. Os ritos mortuários e a dedicação contínua de comida ou alimentação sagrada, oferendas, e a ADORAÇÃO os transmutava em seres mais poderosos, de espíritos protetores em chefes de espíritos, daí em semideuses, criaturas com poderes divinos, mas sem o status de deuses e finalmente em divindades que estavam sobre o domínio de um panteão superior ou da mais antiga delas. Na medida que os séculos passavam, os pais de um clã, os mortos mais antigos, perdiam sua ascendência humana. Perdiam a história de suas famílias originais, perdiam os laços humanos das gerações a qual pertenceram um dia, também esquecida. Os sacerdotes então criavam uma COSMOGONIA. Concediam a estas divindades uma origem divina, uma família celestial. As famílias de deuses da antiguidade possuíam histórias, onde aconteciam como na humanidade terrena, diversas tragédias. Ao olhar para a história das divindades, sejam egípcias, babilônicas ou gregas, nós leremos nas entrelinhas histórias de paixões e de desvarios humanos,

unidos a contos assombrosos e de magia, que retratavam de modo fidedigno a VIDA PALACIANA, as intrigas da família real, da antiguidade. Incesto, assassinato, luta pelo poder, rebeliões, traições, filhos ilegítimos, paixões proibidas e licenciosidade dos deuses eram um retrato do acontecia, da Joseon coreana ao palácio egípcio, da oligarquia de Atenas aos 16 reinos da Índia antiga, e também um retrato dos costumes dos antigos reinos africanos. A família real africana, de Gana à Aksum, de Mandika ao Congo, de Songhai ao Zimbábue, de Yourubá ao reino de Benin. Muitos dos deuses de milhares de nações da antiguidade foram um dia somente seres humanos, homens e mulheres mortos, de origem esquecida, desumanizados, deificados. Isso é essencial para você compreender a opressão maligna contida em cultos de origem arcana, iniciados na antiguidade.

Os céus da antiguidade eram baseados nas casas reais da antiguidade, habitados pelos ancestrais míticos, que perdendo sua identidade se tornaram deuses. A começar de OSIRIS.

No Brasil, divindades adoradas em diversos terreiros de religião africana são baseados em VUDUM, ou VODUNS, que se originaram em espíritos de ancestrais divinizados. Mortos transformados em deuses. Vodum, vodun, voodoo ou vodu são termos que se referem aos vários ramos de uma tradição religiosa baseada nos ancestrais que tem as suas raízes primárias entre os povos Ewe-Fon do Benim, onde é, hoje, a religião nacional, com mais de 7 milhões de adeptos. Além da tradição fon, ou do Daomé, que permaneceu na África, existem tradições relacionadas que lançaram raízes no Novo Mundo durante a época do tráfico transatlântico de escravos (século XVI - século XIX) e que persistem até hoje, como o candomblé brasileiro, o vodu haitiano, a santería cubana, o vudu da Luisiana (Estados Unidos), etc. "Vodum" pode designar tanto a religião quanto os espíritos centrais nessa religião. A tradição e a cultura dos escravos jejes, ewés, fons, minas, fantes e axântis deram origem no Brasil às tradições conhecidas como:

- Candomblé jeje: teve início em Salvador e no Recôncavo baiano, nas cidades de Cachoeira e São Félix e outras, depois migrou para o Rio de Janeiro, São Paulo em maior número.
- Tambor de Mina: ficou restrito a São Luís do Maranhão com a única casa de Jeje-Mina no Brasil que é a Casa das Minas
- Xangô do Nordeste, Xangô do Recife, Xangô de Pernambuco ou Nagô-Egbá ou Jeje-Nagô: teve início na Região Nordeste do Brasil. Uma parte migrou depois para outros estados.
- Tambor do Golfo Como a origem dos Voduns é de espíritos ancestrais, suas histórias refletem também as histórias ancestrais das paixões e deturpações humanas das tradições e intrigas da vida da família mais importante num sistema de governo baseado na monarquia da antiguidade. Na língua Yorubá, Egun tem o significado de ancestral divinizado.

As religiões da antiguidade passam por processos de sincretismo, de fusão, de mudança, de incorporação de novos sacerdócios, de novos ritos. Essa mutação é essencial para você entender que muitos deuses ancestrais, arcanos, divindades que já foram adoradas na Índia, no Egito, em Babilônia e na África, **PERMANECEM HOJE SENDO ADORADAS**, sob a sombra de novos nomes, de novas formas de culto, abraçadas por novas formas de sacerdócio, servidas através de novos tipos de sacrifícios, votos e oferendas. As vestes, a aparência, os atributos, os sacerdotes mudaram, mas a essência dessas divindades ou espíritos de pessoas mortas, adorados, **permanece exatamente o mesmo que possuíam quando uma sacerdotisa egípcia se curvava num templo de Hathor.**

Em Benin da antiguidade até os ossos de reis ou poderosos guerreiros vencidos em batalhas se tornavam em objetos sagrados detidos de poder espiritual. Por séculos famílias reais realizavam cultos em santuários que continham objetos fabricados a partir de crânios humanos, que se tornavam mágicos. Em Abomé, os ossos do ancestral mítico, colocados num recipiente de cerâmica e cobertos por um montículo de terra, constituem o altar do vodum Aizan (Ayizàn), responsável pela proteção da coletividade.

Relíquias sagradas, a maior parte de pedaços mumificados, pedaços de ossos, partes mumificadas, cinzas guardadas em vasos especiais, pedaços de indumentária ou objetos pessoais tidos como relicários – pertencentes a ancestrais míticos, foram trazidos ao Brasil e muitos destes são guardados em templos e sacralizados, sendo usados de modo mágico.

Ao fazer uma oferenda em uma encruzilhada, é a um espírito morto que o homem contemporâneo está concedendo dignidade.

Ao curvar-se a uma entidade, é a um usurpador que essa pessoa está se curvando.

Todo espírito que ousa invocar para si domínio ou poder, posição ou adoração, desafia àquele que o verdadeiro Senhor de todas as coisas, cujo nome aterroriza a todo poder. Porque só ele possui a legitimidade de receber a adoração.

Porque está vivo. E finalmente, **DESTRUINDO A MORTE**, permanecerá vivo, para todo o sempre.

A ressurreição de Jesus significa que nenhum morto será jamais venerado novamente, porque sendo a partir **DELE** é gerada uma **CASA**, ele se torna o **PRIMOGENITO** entre seus irmãos, é ele que dará origem ao **RENASCIMENTO**, iniciando uma verdadeira **FAMILIA DIVINA**. Jesus é o **ANCESTRAL** de toda a família de Deus, é o primeiro a ressuscitar dos mortos e a permanecer vivo para sempre. Pelo fato de ser **ETERNO**, estando junto a Deus quando ele fazia todas as coisas, ele se torna **ANTERIOR A CRIAÇÃO**. Jesus não tem início no ventre de Maria. Ele é **ANTERIOR** então ao nascimento do primeiro ser humano, estando vivo antes de sua encarnação. Sendo uma dimensão divina, o primeiro ser humano foi criado a partir **DELE**. Porque sem Ele, nada do que foi feito, se fez, já dizia Paulo. Significa dizer que a humanidade recebe de **CRISTO** parte de sua dimensão ou natureza. Ela está viva, porque foi da vontade de Cristo, que estava

em Deus, que ela vivesse. É por empréstimo de seu sopro que a vida humana foi manifestada. Pode-se dizer que o primeiro ancestral humano divinizado, por mais antigo que seja, não possui nem SOMBRA da primazia de Cristo. Não só porque ele é anterior a todas as coisas. Mas principalmente, porque ele é o doador da vida, da nephesh, do folego humano, ao ser humano. Mesmo os antepassados longínquos, que se tornaram "deuses" só nasceram, só viveram e morreram, porque neles a vida, que CRISTO legou, neles habitava, os sustentava. Porque são todos, criações divinas. São todos, criações de Cristo.

Filipenses 2:6

Que, sendo em forma de Deus, não teve por **usurpação** ser igual a Deus,

Os espíritos dos antepassados divinizados tornaram-se os deuses pagãos da humanidade, tendo aprendido essa ciência perversa como os egípcios. Porém isso é USURPAÇÃO de uma posição que pertence a Jesus. Os "mortos" usurparam adoração indevida por se tornarem "deuses" em contraste que Jesus, sendo parte, dimensão de Deus, enquanto num corpo humano, agiu como se fosse um servo, de suas demais dimensões, do Pai e do Espírito. A encarnação é uma revolução espiritual sem precedentes, virando do avesso toda a religião da antiguidade. A partir da ressurreição, Jesus possui o direito de reivindicar PERFEITA adoração divina. De retomar seu lugar no coração da humanidade, EXONERANDO substitutos não autorizados, que até o dia do Julgamento, mortos permanecerão.

SOBRE O CÉU

E vi um novo céu, e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe.

E eu, João, vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido.

E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus.

Apocalipse 21:1-3

O céu que o egípcio concebeu em sua mente de perto assemelhava-se ao Egito em relação às suas subdivisões, e suas várias cidades e distritos eram governados por deuses que **era necessário propiciar, e cuja amizade deve ser obtida a qualquer custo. O homem esperava que na próxima vida ele pudesse vagar à vontade através do comprimento e largura do céu, e a única maneira de obter esse privilégio era garantir a boa vontade dos deuses dos quatro cantos do céu** pelo recital de orações de vários tipos, e pelo desempenho de certas cerimônias, que sempre foram de um caráter mais ou menos mágico. Ser capaz de passar a seu bel-prazer ao longo do Delta oriental do céu e sem oposição pressupunha o favor de Sept e Temu; **e ter poder para beber das águas do Nilo celestial** pressupõe o favor do deus Khnemu, o senhor da ilha de Elephantine, perto do qual estavam situados, de acordo com egípcio crença, as fontes do Nilo.

Os textos de todos os períodos exibem uma ansiedade quase infantil de provar que **todo deus do Egito** está interessado no bem-estar dos seres no submundo, que já foram homens mortais, e era uma crença comum também em todos os períodos que a **mera afirmação por escrito** de que os deuses ministrariam ao falecido produziria a assistência desejada. Para desfrutar **do poder de entrar em certas cidades no céu**, o defunto era obrigado a conhecer os vários deuses ou "almas" que eram adorados neles. Assim, as Almas do Ocidente eram Tem e Sebek, o senhor da Montanha do Amanhecer, e Hathor, a dama da Noite; as Almas do Oriente eram Heru-khuti (Harmachis), o Bezerro da deusa KherA e a Estrela da Manhã; as Almas da cidade de Pe eram Horus, Mestha e If api; As Almas da cidade de Nekhen eram Horus, Tuamutef e Qebhsennuf; as Almas de Heliópolis eram Ra, Shu e Tefnet; e as Almas da cidade de Hermópolis eram Thoth, Sa e Tem.

O céu mostrado por Jesus não necessita das feitiçarias, ou de granjear a amizade através de feitiços. Não há necessidade de trabalhar, somente descansar. Não há uma relação de escravidão ou servidão. Não há a necessidade de gravar ou escrever uma imensa lista de divindades. Não seria através do rito, da lamentação

da magia ou da mágica que os lugares celestiais seriam alcançados para a humanidade. Não é necessário ir para o além, porque o próprio Deus manifestará o além para a humanidade, que também não necessitará morrer. Essa relação de proximidade e de honra não foi um ato que teve início no ser humano. Foi Deus que o propôs e é ele que demonstrou o desejo de amizade com o ser humano

Lucas 2

13 E no mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus, e dizendo:

14 Glória a Deus nas alturas, apaz na terra, boa vontade para com os homens!

Essa "boa-vontade" é desconhecida pela religião egípcia. Eles jamais haviam recebido um "evangelho" um anúncio que lhes proporcionasse esperança ou alegria. Cristo é Deus anunciando paz ao ser humano, reconciliação, vida eterna sem dinheiro e sem preço. Os últimos versos de Apocalipse são um convite "aquele que tem sede venha". Para um rio que nasce no trono, numa cidade que não necessita de sol. Onde não há necessidade de comprar uma passagem, lutar pelo poder para ter direito a vida, antes receber gratuitamente poder de ter direito a vida eterna. O evangelho é a história da amizade demonstrada, doada e desejada para que não haja o rompimento final, declarado pelo Apocalipse.

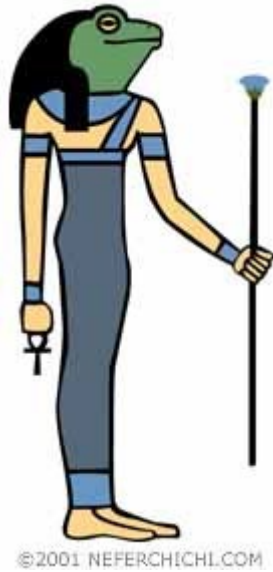
Quando o turíbulo cair na terra.

ODE PARA TRÊS SAPOS

Então, vi sair da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta três espíritos imundos semelhantes a rãs;

porque eles são espíritos de demônios, operadores de sinais, e se dirigem aos reis do mundo inteiro com o fim de ajuntá-los para a peleja do grande Dia do Deus Todo-Poderoso.

Rãs na Terra (Ex. 7: 25-8: 15)



Heqet



Na época de Moisés a presença de sapos no Egito não era incomum porque eram comuns aos pântanos, retratados em inúmeras pinturas e inscrições egípcias. Para o egípcio, o sapo representava fecundidade, benção e garantia de uma colheita. A sacralidade e o significado do sapo são demonstrados pela descoberta de amuletos sob a forma de sapos.

A deusa Heqet, um sapo, era a esposa do grande deus Khnum ou Atum. Ela era o símbolo da ressurreição e do emblema da fertilidade e ajudava no parto (considere a ironia na afirmação de que os sapos invadiram o quarto do faraó e até saltaram em sua cama). Heqet foi um dos quatro deuses primitivos que personificaram a água primordial, o infinito, a escuridão e aquilo que está escondido. Naquela época primordial e mítica, o mal não existia em abundância, em todos os lugares reinava.

Em dezembro, o Nilo recuou do seu estágio de inundação, deixando para trás lagoas e pântanos, e o som de sapos preencheria o ar enquanto reivindicavam essas águas. Para o agricultor, esse som indicava que os deuses que controlavam o Nilo e tornaram a terra fértil completaram o trabalho. Isso demonstrou que Hapi era ativo porque ele era o único que controlava os depósitos de solo e as águas que tornaram a terra fértil, garantindo a próxima safra.

Quando a cheia do Nilo ia embora, deixava um solo fértil, pantanoso, úmido e cheio de rãs, rãs de uma tonalidade verde escura, e como eram milhares, o povo associou a sua presença a fertilidade. Muitos amuletos em forma de um sapo eram utilizados por egípcias que queriam dar proteção a seus bebês.

A deusa chamada Heqet era associada a imagem dessas rãs, tendo corpo feminino e cabeça de rã, se supunha ter poder criador.

O sapo era um dos numerosos animais que não devia ser morto intencionalmente - mesmo o assassinato involuntário de um sapo foi frequentemente punido com a morte.

Na segunda praga, laweh tornou o sapo, que era visto como agradável e desejável para o egípcio, em algo repugnante e esmagador.

"Como uma manta de imundície, as monstruosidades úmidas e úmidas cobriram a terra, até que os homens ficaram doentes com o contínuo esmagamento da calçada horrível que foram forçados a caminhar. Se os pés de um homem deslizassem sobre a massa gordurosa de seus corpos esmagados, ele caiu em uma massa indescritivelmente ofensiva de impureza e, quando ele procurou água para se purificar, a água era tão sólida com sapos, ele não conseguiu limpar lá. "

Não só a peste fosse vista como os deuses contra eles, mas as pessoas foram forçadas a matar a encarnação do deus Heqet, simplesmente por causa do grande número que teria estado em pé. Da mesma forma, a conexão do sapo

com o abastecimento de água, como a praga do sangue, teria continuado a roubá-los de sua água potável.

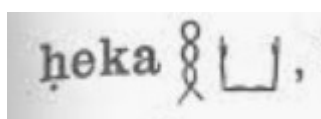
O sapo possui, então, grande referência na antiga mitologia egípcia. Ele estava, como praticamente tudo, conectado a mitologia da criação. O número de deuses e deusas conectados com o sapo são tão variados como Heqet, Ptah, Heh, Nun e Amun. Em especial atenção com respeito a conexão com Ptah. Em determinado instante num dos mitos da criação, Ptha é retratado, pra variar, com a cabeça de sapo. O mito relata que a divindade criou o mundo a partir de porção de seu coração e de sua língua. Poeticamente escreviam que foi pela sua vontade, representado pelo coração, e pela sua palavra, representado pela língua, que o mundo foi criado. A língua do anfíbio, diferente dos demais animais, enfatizava isso em seu simbolismo. O sapo passava de girino para a forma adulta, de um animal aquático para um terrestre e isso simbolizava os deuses que desciam ao mundo inferior, (todos eles tinham que descer) e sua subida, ou saída dele, do domínio da morte para a vida, da escuridão para a luz, e logo foi associado ao nascimento e ao renascimento. Então era usado em amuletos mágicos pelas parteiras e grávidas, assim como nos túmulos, para que após a morte houve a possibilidade de "renascer" no mundo do além.

Essa sapologia cosmológica passou para muitas culturas, que associaram o sapo a magia. Na cultura chinesa há a história de um sapo charlatão que se dizia feiticeiro. E geraram novos deuses.



Hecate ou Hekate (/ 'hɛkəti: /; Grego antigo: Ἑκάτη, Hekátē) é uma deusa da mitologia e religião grega antiga, mais frequentemente mostrada segurando um par de tochas ou uma chave e em períodos posteriores descritos em forma tripla. Ela era variadamente associada a encruzilhadas, caminhos de entrada, luz, magia, feitiçaria, conhecimento de ervas e plantas venenosas, fantasmas, necromancia e feitiçaria. Beekes rejeitou uma etimologia grega e sugeriu uma origem pré-grega. Uma possibilidade para a origem estrangeira do nome pode ser **Heqet**, nome da deusa egípcia da fertilidade e parto.

Heka (/ 'hɛkə /; Egípcio Antigo: ḥk; foi a deificação da magia e da medicina no antigo Egito. O nome é a palavra egípcia para "mágica". O termo ḥk3 também foi usado para se referir à prática de rituais mágicos.



Hecate é a deusa Heqet em vestes gregas, somada aos poderes da magia. Hecate é possivelmente a condensação dos deuses, HEKA – que também era uma divindade, e HEQET.

A deusa que foi egípcia, agora grega, tinha rituais incomuns realizados em sua honra, que incluem as oferendas de comida - dadas em cruzamentos, entroncamentos e qualquer outro tipo de limite ou limiar - conhecido como "a ceia de Hecate". A Hecate também era oferecido o sacrifício de cães, especialmente filhotes. A conexão do cão pode ser o fato de que os cães eram conhecidos por comerem os mortos se não fossem enterrados; A outra conexão é com o deus egípcio Anúbis, com cabeça de cachorro, que guiava as almas para o submundo.

Então, vi sair da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta três espíritos imundos semelhantes a rãs;

porque eles são espíritos de demônios, operadores de sinais, e se dirigem aos reis do mundo inteiro com o fim de ajuntá-los para a peleja do grande Dia do Deus Todo-Poderoso.

Na revelação que Jesus concede sobre os dias finais da história da civilização, eventos de catástrofes e cataclisma se repetem, de modo mágico.

Também não se arrependeram dos seus assassinatos, das suas feitiçarias, da sua imoralidade sexual e dos seus roubos.

A humanidade dessa época futura perdeu sua humanidade, por assim dizer, ela transformou-se numa sociedade cujo fundamento e prática é a feitiçaria de todo gênero. A feitiçaria é o ato máximo da inimizade. Ela é realizada no intuito de roubar os bens alheios, ainda que destruindo de modo horrível a vida de seus possuidores no intuito de enriquecer quem lançou o feitiço. Três figuras sórdidas

se destacam, nessa época de *HECATE* (feitiçaria) plena: O dragão, a besta que emerge do mar, outra que emerge da terra. Durante determinado período o mundo do amanhã será manipulado por psicopatas espirituais. Quando os reis/governantes/representantes finais da política e religião se apresentam o fazem com uso de *MAGIA*. Através de prodígios, sinais maravilhosos, manifestação de poderes jamais vistos antes pela humanidade.

Também opera grandes sinais, de maneira que até fogo do céu faz descer à terra, diante dos homens. Seduz os que habitam sobre a terra por causa dos sinais que lhe foi dado executar diante da besta, dizendo aos que habitam sobre a terra que façam uma imagem à besta, àquela que, ferida à espada, sobreviveu; e lhe foi dado comunicar fôlego à imagem da besta, para que não só a imagem falasse, como ainda fizesse morrer quantos não adorassem a imagem da besta.

O mundo é enganado por um representante político global, por um sacerdócio baseado em magia e que faz sinais maravilhosos, todos sendo guiados por alguém ou algo, representado por um dragão. No final de um difícil período, os planos e propósitos nefastos que esses três personagens possuem para a humanidade, só não conseguem realizar em virtude do descontrole climático, da mudança cósmica das condições da galáxia na qual vivemos, a via láctea sofre um cataclisma que afeta o equilíbrio do sistema solar.

Nesse contexto, ao contrário das situações que fazem a humanidade convergir em ajuda humanitária, não é esse o propósito dos governos vigentes. O que dominará ou regerá as nações nessa época não se interessa pelo ser humano, a não ser como ferramenta para seus propósitos. Em meio ao fim de todas as coisas prevendo a impossibilidade de continuar com seus planos, nós veremos finalmente quem é que está por detrás dos piores representantes da humanidade. Três rãs.

Então, vi sair da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta três espíritos imundos semelhantes a rãs;

Esse texto une passado e presente, magia da antiguidade e poder demoníaco de modo eloquente.

A deusa rã, as rãs adoradas, os feitiços, os encantamentos, a necromancia, a superstição, o princípio por detrás da tragédia do engano humano, o poder invisível que produzia o inexplicável, o *maravilhoso mórbido*, incapaz de mudar o coração humano, incapaz de mudar a índole de inimizade e egoísmo, de depravação e assassinato, revelam sua eterna fonte. As rãs são representações de espíritos imundos, demônios. Quando Jesus se encontra com Legião os demônios imploram refúgio num corpo qualquer, ainda que seja de porcos. As rãs saem *ESPONTANEAMENTE*. Já não lhes importa estar ou não nos corpos de quem estavam, ainda que sejam nessa época, o topo da escala social, os mais importantes, temidos e conhecidos homens. Ainda que sejam idolatrados como divindades. As rãs estão indo embora porque tem outro trabalho sinistro a realizar.

porque eles são espíritos de demônios, operadores de sinais, e se dirigem aos reis do mundo inteiro com o fim de ajuntá-los para a peleja do grande Dia do Deus Todo-Poderoso...Então, os ajuntaram no lugar que em hebraico se chama Armagedom.

Heqet, Hecate, feitiçaria, rãs de toda a terra transtornarão o pensamento dos governantes no futuro para que participem do último conflito armado de nossa era. Provavelmente contra Israel. Vingança profético-poética contra a segunda praga de Moisés, das malditas rãs.

Porém do mesmo modo que a primeira vez que enfrentaram um profeta, irão perder novamente.

Esses três sapos representam as três dimensões da feitiçaria - inimizade, maldade e soberba espiritual - (ou quaisquer que sejam elas), ao incomum amor que o ser humano tem pela prática da inimizade espiritual, seu amor pela maldição, seu amor pela dominação, pela submissão alheia aos propósitos egoístas. Ainda que o resultado seja a destruição do próximo. Para glória de Hecate, alegria de Heqet e regozijo dos sapos.

Que serão mortos junto com os reis da terra a que foram convocar. As rãs espirituais, os demônios, não são mortais. Diferentemente dos sapos que os representam. Desalojados de suas habitações, mortos os seres humanos que os carregaram no espírito, eles buscam outro em quem possam habitar. Ou podem ficar em lugares tenebrosos, escondidos na escuridão, nas sombras de lugares espirituais onde transitam. O que as rãs não sabem, ou fingem não saber, é que no dia de Armagedom, eles não somente serão expulsos de gente que irá morrer. Serão expulsos da terra. Desalojados dos lugares celestiais. Nunca mais pisarão no mundo, os sapos malditos.

*Habia un sapo sapo sapo
que nadaba en el río río río
con su traje verde verde verde
se moría de frío frío frío
la señora sapa sapa sapa me contoó
que tenía un amigo y que eras tu!*

*Había un sapo sapo sapo
Que se quemaron en el fuego fuego fuego
Pensaron que el fuego fuego fuego
No encendía dentro del agua agua agua
Había un sapo sapo sapo
Que ya no existe más*